

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ARTUR BASÍLIO VENTURELLA ALVES

**RANKINGS UNIVERSITÁRIOS: Análises de PDI's de  
universidades brasileiras ranqueadas**

Porto Alegre  
2022

ARTUR BASÍLIO VENTURELLA ALVES

**RANKINGS UNIVERSITÁRIOS: Análises de PDI's  
de universidades brasileiras ranqueadas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de Bacharel em Biblioteconomia, pela  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Samile Andrea de Souza  
Vanz

Porto Alegre

2022

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões

Vice-reitora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patricia Pranke

## **FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Regina Schmitz

## **DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Chefe Substituta: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Samile Andréa de Souza Vanz

## **COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DE BIBLIOTECONOMIA**

Coordenadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lucia Dias

Coordenadora Substituta: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helen Rose Flores de Flores

### **CIP - Catalogação na Publicação**

Alves, Artur Basilio Venturella  
RANKINGS UNIVERSITÁRIOS: Análises de PDI's de  
universidades brasileiras ranqueadas / Artur Basilio  
Venturella Alves. -- 2022.  
54 f.  
Orientadora: Samilie Andrea de Souza Vanz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de  
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Rankings Universitários. 2. Planos de  
Desenvolvimento Institucional. 3. Universidades  
Brasileiras. I. Vanz, Samilie Andrea de Souza, orient.  
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados  
fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana, Porto Alegre, RS

CEP: 90035-007 Telefone: (51) 3316-5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Artur Basílio Venturella Alves

**RANKINGS UNIVERSITÁRIOS: Análises de PDI's de  
universidades brasileiras ranqueadas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de Bacharel em Biblioteconomia, pela  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Samile Andréa de Souza  
Vanz

**Aprovado em:**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Samile Andréa de Souza Vanz  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Rene Gabriel Faustino Junior  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Sônia Elisa Caregnato  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **AGRADECIMENTOS**

A jornada acadêmica é feita de altos e baixos, entretanto gostaria de deixar eternizados neste trabalho meus agradecimentos a todos que participaram desta jornada junto comigo. Em primeiro lugar quero agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que me acolheu nesse meu período de graduação, e por todas as oportunidades que me proporcionou nestes anos. Se não fosse pela UFRGS, jamais teria o conhecimento que tenho hoje, muito menos teria a oportunidade de encontrar algumas das pessoas mais incríveis da minha vida.

Dentro da UFRGS eu queria agradecer a todos os meus professores, que tanto me ensinaram durante a graduação, mas em especial, queria agradecer a Professora Doutora Samile, minha orientadora, por ter me dado a oportunidade de trabalhar como seu bolsista durante tantos anos, palavras de ensinamento e por ter me proporcionado as mais diversas experiências e sempre muito proveitosas experiências acadêmicas. Gostaria também de agradecer as oportunidades que tive através do Instituto Confúcio, que me proporcionou a conhecer a China, agregando uma bagagem importantíssima para minha graduação e para a vida.

Gostaria também de agradecer a todos da minha família, por terem me encorajado a persistir meus sonhos, e pelo apoio que recebi, das mais diversas maneiras, durante a minha graduação, tornando possível realizar sonhos que jamais teria tido a chance, sem o esforço e empenho deles.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer aos meus amigos: Alice, Andrine, Joana, Guilherme, Stéfany, Bianca, Victor, Vitória, Lívia, Fernanda, Gabriela L, André, Gabriela T, Caroline, Ananda, Liu, Li, Luísa, Amanda, Alessia, Letícia, Nathalia, Micaele, Urosh, Nicole, e aos vários outros colegas que estiveram comigo durante todos esses anos. Tornando minha jornada acadêmica mais leve e descontraída.

Muito obrigado.

## RESUMO

Rankings universitários vêm, cada vez mais, ganhando força entre alunos, professores, pesquisadores e gestores do Ensino Superior do mundo todo. O presente trabalho tem como objetivo saber se as universidades brasileiras que estão presentes nos rankings internacionais os mencionam em seus Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDI). Tem como justificativa tanto o crescimento midiático que os rankings vêm ganhando, bem como a atualização de trabalho anterior de Alves, Dressler e Vanz (2019). O capítulo de referencial teórico foi dividido em duas seções, a primeira traz uma contextualização da universidade e o desenvolvimento da ciência no Brasil, a segunda apresenta um breve histórico e a ascensão dos rankings universitários internacionais. Como metodologia, este trabalho realiza um estudo quanti-qualitativo analisando a quantidade de menções a rankings nos PDIs das universidades brasileiras e o conteúdo existente dessas menções. Nos resultados percebe-se que rankings universitários são mencionados nos PDIs de 57,4% das 54 universidades estudadas. Em comparação com estudo anterior, o número de menções a rankings nos PDIs de universidades brasileiras cresceu 5,7%. Ao realizar a análise com apenas as universidades presentes no trabalho de 2019, verifica-se que o número de instituições mencionando rankings em suas metas quase triplicou. O que é tratado nos PDIs sobre o tema rankings varia muito, certas universidades abordam o tema profundamente em suas metas e indicam que é feito o uso de rankings como uma forma de avaliação externa para a instituição, mas também observa-se que algumas das instituições pesquisadas apenas mencionam em seus PDIs a posição em que a universidade está colocada nos rankings internacionais. Assim, entende-se que as universidades vêm demonstrando cada vez mais interesse nos rankings, e que eles estão de fato presentes nos objetivos de algumas universidades nacionais. Entretanto, o crescimento ainda é considerado pequeno, e no futuro espera-se que o número de instituições que fazem menção a rankings aumente ainda mais, tendo em vista a crescente importância que vem sendo dada ao tema. Dessa maneira torna-se necessário que esse estudo seja atualizado periodicamente, e que haja acompanhamento minucioso, pois sabe-se que rankings estão aqui para ficar.

**Palavras-chave:** Rankings Universitários. Planos de Desenvolvimento Institucional. Universidade Brasileira.

## ABSTRACT

University rankings are increasingly gaining popularity among students, professors, researchers and higher education managers around the world. The present work aims to know if Brazilian universities mention the outstanding international rankings in their Institutional Development Plans (PDI). It is justified both by media growth and past work done by Alves, Dressler and Vanz (2019). The theoretical framework chapter was first divided into two sections, the first brings a contextualization of the university and the development of science in Brazil, the second presents a brief history and the rise of international university rankings. As a methodology, this work carries out a quantitative-qualitative study analyzing the number of mentions of ranking Brazilian universities's PDI and the existing content of these mentions. In the results, it can be seen that university rankings are mentioned in the PDI's of 57.4% of the 54 universities studied. Compared to a previous study, the number of mentions of PDI rankings of Brazilian universities grew by 5.7%. When performing the analysis with only the universities present in the 2019 work, it appears that the number of institutions who noted rankings in their targets has almost tripled. What is discussed on the subject of PDI rankings varies a lot, some universities approach the subject deeply in their goals and indicate that rankings are used as a form of external evaluation for an institution, but it is also observed that some institutions mention in their PDI the position in which the university is registered is in the international rankings. Thus, it is understood that they present themselves as increasingly interested in the ranking, and that they are in fact in the goals of national universities. However, the growth is still considered small, and in the future it is expected that the number of institutions that mention a ranking will increase even more, in view of the growing importance that has been given to the topic. Thus, it is necessary that this study is updated periodically, and that there is a detailed monitoring, as it is known that the rankings are here to stay.

**Keywords:** Higher Education Ranking. Institutional Development Plan. Brazilian University.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ARWU	Academic Ranking of World Universities
IES	Instituições de Ensino Superior
PDI	Planos de Desenvolvimentos Institucionais
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
QS	Quacquarelli Symonds
THE	Times Higher Education
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCSPA	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi Árido



UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UNB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho"
UNICAMP	Universidade de Campinas

UNIFEI	Universidade Federal de Itajubá
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP	Universidade de São Paulo
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
WoS	Web of Science

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1 OBJETIVOS.....	14
<b>1.1.1 Objetivo geral .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1.2 Objetivos específicos .....</b>	<b>14</b>
1.2 JUSTIFICATIVA.....	15
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>17</b>
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS .....	17
2.2 RANKINGS UNIVERSITÁRIOS: PONTOS E CONTRAPONTO.....	20
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>25</b>
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>28</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea é cada vez mais perceptível a importância que as universidades têm. Seja através das pesquisas realizadas por estas instituições, seja na preparação de alunos como futuros pesquisadores ou para o mercado de trabalho, Instituições de Ensino Superior (IES) são consideradas um pilar importante na formação do ser humano (SALMI, 2009).

No Brasil, as Universidades são consideradas as principais responsáveis pelo desenvolvimento científico nacional. De acordo com estudo publicado pela Clarivate Analytics (2019), com base nos artigos nacionais indexados na Web of Science (WoS), houve um aumento considerável da produção científica brasileira nos últimos anos, da ordem de 30% no período de 2013 a 2018. Importante ressaltar o fato que, de acordo com esta pesquisa, apenas 15 universidades públicas são responsáveis pela maior parte da produção científica brasileira.

A tarefa de como avaliar as diferenças de Universidades é uma questão que há muito tempo intriga pesquisadores de várias áreas do conhecimento. Uma das principais maneiras, hodiernamente, são os Rankings Internacionais de avaliação de IES. Cada ranking possui uma metodologia específica, público-alvo, e conseqüentemente resultados diferentes (FEDERKEIL, 2008). Sendo assim, a informação gerada pelos rankings universitários, traz muito mais do que apenas prestígio. Estes resultados dos rankings internacionais alicerçam a argumentação em prol da concessão de recursos financeiros pelas agências de fomento, incrementam o número de alunos a procura da instituição, atraem maior número de pesquisadores interessados, promovendo assim, a existência de um quadro docente de melhor qualidade. A partir dos resultados destes rankings se dá um aumento na visibilidade da instituição (DE FILIPPO et al., 2012). Rankings funcionam como marketing para instituição, e como prestação de contas, servindo ainda como documentação de avaliação histórica da universidade (MARCOVITCH, 2018).

Entretanto, alguns autores fazem críticas à maneira como rankings reduzem instituições complexas a meros números. Quando isso ocorre, estes rankings acabam por apagar o papel social que as universidades têm nas sociedades onde estão inseridas (HAZELKORN, 2013). Segundo Federkeil (2008) e Rauhvangers (2011),

essas avaliações acabam mercantilizando a ciência produzida por IES, e desta forma, desviam a instituição de seu propósito principal para com a sociedade. Para eles, os rankings fazem com que algumas áreas tenham mais destaques do que outras, pois em muitos deles as áreas das Ciências Exatas, como a das Engenharias, ou das áreas relativas às Ciências da Saúde, possuem mais destaque que áreas das Ciências Humanas ou das Ciências Sociais Aplicadas, por exemplo.

No Brasil é possível observar um aumento da importância dada aos rankings universitários internacionais nos últimos anos, a partir da posição que as universidades nacionais vêm ocupando nestes quadros. Diversas instituições criaram setores exclusivamente dedicados ao acompanhamento dos resultados nos rankings internacionais. Um desses exemplos é o Projeto Métricas, lançado pela Universidade de São Paulo (USP), juntamente com a Universidade de Campinas (Unicamp) e a Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (Unesp), que tem o intuito de aprofundar os estudos sobre os resultados dos rankings universitários pelas três universidades paulistas (<https://metricas.usp.br/>). Tal iniciativa também pode ser vista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que criou dentro de sua Secretaria de Avaliação Institucional um painel especificamente para controle dos resultados nos rankings (<http://www.ufrgs.br/sai/avaliacao-externa/a-ufrgs-nos-rankings>).

O processo de gestão no âmbito do Ensino Superior é extremamente complexo, e deve sempre levar em conta peculiaridades de cada instituição (GOMES et al., 2013). Desta maneira Gesser et al. (2021) afirmam que a gestão aplicada em IES é um processo de grande valia, que permeia toda instituição, garante melhorias e avanços para ela, bem como para a sociedade ao seu redor. Nesse contexto, é muito importante que as universidades publiquem regularmente o seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), cumprindo assim um dos requisitos do MEC para ser considerada uma IES, de forma que o Decreto Nº 3860, de 09 de julho de 2001 (BRASIL, 2001) introduz o PDI como documento essencial para o credenciamento da instituição junto ao Ministério da Educação. Concomitantemente, o PDI é um documento que irá descrever a instituição de ensino, seus valores, metas, visões de ensino e, principalmente, seus objetivos para o período em que o documento estiver em vigência.

Tendo em vista que rankings universitários parecem estar cada vez mais fortes, percebe-se que as Universidades brasileiras vêm demonstrando interesse nessas avaliações e nas colocações alcançadas dentro delas. Com isso, o presente trabalho responde à seguinte questão: Como as universidades brasileiras ranqueadas nos quatro principais rankings universitários internacionais expressam o seu interesse nos rankings através de seus PDI's? Analisa-se o conteúdo dos PDI's das universidades brasileiras ranqueadas em rankings internacionais, para saber como e se os rankings são mencionados. O referencial teórico, seção 2, aborda a governança universitária no Brasil e seus desafios num panorama mundial, além disso é visto um breve histórico dos rankings internacionais. Na sequência, seção 3, é introduzida a metodologia, bem como a apresentação dos rankings e universidades que fazem parte do trabalho. Na seção 4 são apresentados os resultados obtidos, e por fim, na seção 5, é apresentada a conclusão.

## 1.1 OBJETIVOS

A seguir são apresentados os objetivos, geral e específicos, que compõem este trabalho.

### 1.1.1 Objetivo geral

Analisar a menção a rankings internacionais no texto dos PDI's das universidades brasileiras ranqueadas pelos rankings ARWU, Leiden, QS e THE nas edições 2020/2021.

### 1.1.2 Objetivos específicos

- a) Identificar quais universidades fazem menção a rankings em seu PDI;
- b) Verificar como as universidades brasileiras tracejam suas metas referentes aos rankings universitários;
- c) Tipificar o conteúdo encontrado sobre os rankings universitários;
- d) Comparar os resultados obtidos com estudo anterior de Alves, Dressler e Vanz (2019).

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Rankings internacionais têm cada vez mais chamado a atenção de futuros alunos, que os utilizam como uma ferramenta de escolha para a universidade que irão cursar no futuro. Eles têm, também, chamado a atenção de gestores do ensino superior por serem uma forma de trazer maior visibilidade para as suas instituições (SANZ CASADO, 2015). Segundo Hazelkorn (2013), na Europa cerca de 73% dos gestores das universidades admitem utilizar-se de rankings universitários para acompanhar outras instituições de ensino superior de seus países. Isso demonstra que rankings vêm, cada vez mais, ganhando considerável força na sociedade.

A ideia para a realização deste estudo surgiu com a participação no projeto de pesquisa “Rankings Universitários: um novo desafio para a UFRGS”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Samile Andréa de Souza Vanz, entre os anos de 2017 e 2019. Dentre as atividades daquele projeto, foi realizado um estudo dos PDI’s das universidades brasileiras, juntamente com um estudo das notícias sobre rankings. Alves, Dressler e Vanz (2019) constataram que somente quatro das 29 universidades brasileiras estudadas possuíam entre seus objetivos nos PDI’s subir nos rankings, ao mesmo tempo 10 universidades sequer faziam menção à palavra Ranking em seus documentos. Os autores também ressaltaram o baixo número de notícias recuperado sobre o tema rankings e que, em sua maioria, tratava-se de notícias superficiais sobre a posição da universidade dentro do ranking.

Ao atualizar os estudos sobre as notícias em 2021, percebeu-se que a quantidade de notícias encontrada sobre o tema rankings havia crescido. De acordo com Duarte, Alves e Vanz (2021, no prelo), através das notícias se notou um aumento de interesse das universidades brasileiras no tema rankings. Desta maneira foi possível identificar a existência de espaço para atualização no estudo sobre os PDI’s. Além do fato de que, como constatado por Alves, Dressler e Vanz (2019), a análise dos PDI’s das Universidades, bem como suas notícias divulgadas, apresentou o início de maior interesse por parte das universidades brasileiras de acompanhar o tema. Muitos dos PDI’s que foram utilizados naquela análise já estão defasados. Além disso, nos últimos anos foi possível verificar um aumento expressivo no número de universidades que entraram nas listas dos principais rankings internacionais.

É importante lembrar que através dos tempos o perfil do profissional bibliotecário veio sofrendo diversas mudanças, passando de um agente que apenas resguarda e oferece a informação, para um profissional que realiza todos os processos de gerência da informação (ANNA, 2015). Além disso, como argumentado por Vanz, Santin e Pavão (2018), a importância das práticas bibliométricas em bibliotecas universitárias, se dá pelo fato de que essas informações geradas e disseminadas pelo profissional bibliotecário, trazem prestígio e reconhecimento no que se produz dentro da universidade. Entende-se que é papel do bibliotecário realizar estudos nesta área, tendo em vista que rankings universitários internacionais, em sua maioria, utilizam-se de indicadores bibliométricos como parte de sua metodologia.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo são abordados dois temas fundamentais para o desenvolvimento do trabalho: um breve histórico das universidades brasileiras e o desenvolvimento da ciência no Brasil e os Rankings de IES internacionais.

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

As IES brasileiras começaram a se estabelecer na metade do século XIX no formato de escolas, como a Escola de Medicina, de Direito e de Engenharia localizadas na Bahia e no Rio de Janeiro. Já a universidade como nós conhecemos hoje, com múltiplos cursos, foi criada em 1920 pelo governo federal, sendo a primeira a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (MELLO; MACULAN; RENAULT, 2011), e que:

A institucionalização da missão de pesquisa nas universidades chegou no final da década de 1960, associada à criação de cursos de pós-graduação. Além das universidades, algumas instituições de pesquisa foram criadas vinculadas a ministérios específicos (Saúde, Agricultura, Minas e Energia). (MELLO, MACULAN, RENAULT, 2011, p. 53, tradução do autor)

Melo, Maculan e Renault (2011) ainda apontam que após essa institucionalização das universidades brasileiras na década de 60, foi possível observar um grande aumento no número de IES no Brasil. E nas décadas seguintes, até os anos de 1980, o total de IES no Brasil passou para 882, sendo que desse valor, 65 eram Universidades. Como dito por Steiner (2011?), no Brasil se tem conhecimento de que as universidades públicas são os grandes centros de desenvolvimento científico do país, e além do mais, são o local onde o ensino superior de maior qualidade é ofertado.

Atualmente as universidades brasileiras são legalmente divididas em três tipos distintos: universidades públicas (de nível federal, estadual e municipal), universidades privadas sem fins lucrativos (ligadas a ordens e instituições religiosas como católicas, luteranas entre outras), e universidades privadas com fins lucrativos (DURHAM, 2003). De acordo com Mcmanus et al. (2021), ainda que a maior parte das

IES brasileiras (75%) sejam instituições privadas e nelas se concentrem a maior parte dos alunos de graduação, é nos outros dois tipos de instituição (públicas e privadas sem fins lucrativos) que a maior parte da ciência brasileira é desenvolvida, especialmente porque as instituições públicas produzem 95% do total de pesquisas científicas nacionais (LLOYD, 2013).

Segundo Dal Magro e Rausch (2011), no Brasil, o PDI teve como seu princípio a Lei de Diretrizes e Bases Nacional da Educação (LDB) de 1996, onde foi atribuído ao Ministério da Educação (MEC) realizar a avaliação institucional e o credenciamento de IES. E com o Decreto Nº 3860, de 9 de julho de 2001, o PDI passou a ser um documento de caráter obrigatório para as universidades que queiram ser reconhecidas pelo MEC, ou seja, para ter alguma validade no território nacional. Em 2011 o MEC estipulou as dimensões em que a universidade será avaliada na elaboração do PDI. Como exposto por Dal Magro e Rausch (2011), as dimensões são as seguintes:

**a) Perfil Institucional:** Histórico da IES, sua inserção Regional, Missão, finalidades, objetivos e metas, área de atuação acadêmica, responsabilidade social, política de ensino e políticas de extensão e pesquisa.

**b) Gestão Institucional:**

1) Organização administrativa: trata sobre a estrutura organizacional, órgãos do colegiado, órgãos de apoio às atividades acadêmicas, autonomia da IES em relação à mantenedora e a relação e parcerias com a comunidade, instituições e empresas.

2) Organização e gestão pessoal: contemplando os aspectos referentes ao corpo docente e ao corpo técnico/administrativo.

3) Políticas de atendimento aos discentes: completa as formas de acesso, programas de apoio pedagógico e financeiro, estímulos à permanência, organização estudantil e acompanhamento dos egressos.

**c) Organização Acadêmica:**

1) Organização didático-pedagógica: Plano para atendimento às diretrizes pedagógicas, estabelecendo os critérios gerais para definição de perfil do egresso, seleção de conteúdos, princípios metodológicos, processo de avaliação, práticas pedagógicas inovadoras, políticas de estágio, prática profissional e atividades complementares, políticas e práticas de Educação à distância e políticas de educação inclusiva.

2) Oferta de cursos e programas: As instituições, ressalva da modalidade de ensino a distância, deverão apresentar dados relativos ao número de vagas, dimensões das turmas, turno de funcionamento e regime de matrícula de seus cursos. Informar ainda a situação atual

dos cursos, incluindo o cronograma de expansão na vigência do pdi [sic].

**d) Infraestrutura:** Trata sobre a estrutura física, acadêmica, adequação da infra-estrutura para atendimento aos portadores de necessidades especiais, estratégias e meios de comunidade interna e externa e cronograma de expansão da infra-estrutura para o período de vigência do pdi [sic].

**e) Aspectos financeiros e orçamentários:** Demonstração da sustentabilidade financeira, incluindo os programas de expansão previstos no pdi [sic]: Estratégia de gestão econômico-financeira; Planos de investimentos; Previsão orçamentária e cronograma de execução (cinco anos).

**f) Avaliação e acompanhamento do desenvolvimento institucional:** Projeto de Avaliação e acompanhamento das atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, planejamento e gestão; formas de participação da comunidade acadêmica, técnica e administrativa, incluindo a atuação da Comissão Própria de Avaliação – CPA, em conformidade com o sistema nacional de avaliação da Educação Superior – SINAES; e formas de utilização dos resultados das avaliações.

**g) Anexos:** Projeto pedagógico do curso solicitado para primeiro ano de vigência do pdi [sic]. Os projetos dos cursos aqui elencados, para os quais estão sendo solicitada autorização de funcionamento, embora integrando o pdi [sic], deverão constituir arquivos específicos anexados em local apropriado, nas pastas eletrônicas da instituição, no sistema.

Mas como colocado por Silva (2013), em muitos pontos o PDI fica atrás do que seria chamado de um planejamento estratégico, que levaria em consideração outros pontos para além destes que o MEC determina. Alguns destes pontos são interessantes de ser observados, pois poderiam ter grande impacto nos futuros planejamentos das instituições como: fatores críticos de sucesso, análises internas e externas, bem como questões e planejamentos estratégicos para o aprimoramento de uma instituição. Picchiali (2012) descreve o PDI como parte essencial e uma solução para problemas das Universidades brasileiras, entretanto dispõe que, contraditoriamente, o mesmo documento dificulta a mudança e os avanços das instituições nacionais. O autor ainda afirma que esta cultura organizacional não só das universidades, mas como do setor público no geral, é definida por valores e crenças já há muito ultrapassadas.

Entre os anos de 1980 e início dos anos 2000, a pesquisa científica feita por universidades brasileiras apresentou um aumento de quatro vezes em seu volume total. Esse aumento foi observado a partir do número de artigos brasileiros indexados

no Science Citation Index, onde nos anos 1980 representava apenas 0,44% do número total global de artigos indexados na base, subindo para 1,7% nos anos 2000 (ZORZETTO et al., 2006), o que representa aumento considerável de 38,63%. Já em estudo da Clarivate Analytics (2019), no período de 2013 a 2018, o total de trabalhos brasileiros indexados obteve um crescimento de 30%. Como dito por Zorzetto et al. (2006) e Veloso, Lannes e Meis (2004), neste período percebeu-se que havia uma lacuna na produção de ciência nacional, juntamente com uma maior necessidade de mão de obra qualificada, tanto por conta do acréscimo populacional da faixa etária entre 18 e 30 anos, quanto por uma questão de competitividade global, e ainda com o desenvolvimento da economia nacional, desse modo as agências de fomento começaram a investir mais neste setor.

Contudo, o desenvolvimento da ciência brasileira não fica apenas ligado ao número de artigos publicados, mas também é apontado que:

Este aumento na quantidade de produção científica, foi acompanhado por um aumento equivalente em qualidade, com o Field Weighted Citation Index (FWCI) aumentando de 0,78 em 2000 para 0,90 em 2018 [...]. O maior FWCI (0,96) foi registrado em 2016 (um pouco menor do que a média mundial). Um fator digno de observação é o declínio constante em impacto desde esta data (registrado 0,84 para 2019: ano incompleto). (MCMANUS, et al. p. 1-23, 2021, tradução do autor).

Além disso, levando-se em conta o panorama mundial, o Brasil ainda não é considerado um dos grandes países produtores de ciência. Esse papel de dominância no cenário da produção científica como um todo ainda é muito associado ao hemisfério norte do globo (GUIMARÃES et al., 2020), pois muito da agenda e das visões apontadas para a internacionalização da ciência brasileira, ainda está diretamente relacionado ao colonialismo criado pelos países desenvolvidos (LIMA; MARANHÃO, 2009).

## 2.2 RANKINGS UNIVERSITÁRIOS: PONTOS E CONTRAPONTOS

Universidades são as Instituições chave do século XXI, pois é a partir delas que se dá a criação e disseminação do conhecimento científico. Essas instituições são o ponto central do globalismo científico, da transferência de dados entre países e da emergência de novos países geradores do conhecimento (ALTBACH, 2007, p.111-134). Concomitantemente ao crescimento das universidades, percebeu-se a

existência da certa omissão no âmbito de avaliação do ensino superior no cenário mundial. De acordo com Myers e Robe (2009), o primeiro registro de listagem de universidades, similar ao dos atuais rankings, é datado de 1900. Trata-se do livro intitulado “*Where we get our best men?*”, publicado pelo autor inglês Alick Maclean. Mesmo se tratando de uma publicação com maior enfoque na psicologia, nas questões culturais e nas questões geográficas, no final apresentava uma lista onde eram enumeradas as melhores universidades dos Estados Unidos. Após a publicação deste livro, diversas obras similares foram publicadas, mas apenas em 1957, no *Chicago Sunday Tribune*, surgiu o primeiro ranking publicado, utilizando metodologia de reputação das universidades. A partir de então, muitos rankings de educação superior começaram a ser criados, geralmente em nível nacional, tais como o *US News & Report Rankings* em 1983 e o ranking chinês *Wu Shulian* em 1987, entre outros exemplos (SANTOS; NORONHA, 2016; RIGHETTI, 2016).

A globalização dos rankings, ou seja, o momento em que eles passaram também a avaliar instituições em escala global, deu-se em 2003, com o *Academic Rankings of World Universities* (ARWU), publicado pela *Shanghai Jiao Tong University*. Esse ranking tinha como intuito avaliar as instituições chinesas no âmbito internacional, considerando o constante desenvolvimento das universidades do país. Desde então os rankings de educação superior começaram a ganhar notoriedade (MYRES; ROBES, 2009; SANTOS; NORONHA 2016; RAUHVANGERS, 2011). Ranking de Shanghai, outra maneira que é conhecido o ARWU, é na atualidade um dos quatro principais rankings internacionais chamados de *League Tables*, pela razão de gerarem uma listagem final com uma nota atribuída a cada universidade. O ARWU, dentre os quatro principais rankings, é considerado o mais elitista, usando de indicadores como por exemplo Nobel e Fields concedidos a alunos, ex-alunos e professores da instituição e número de artigos publicados nas revistas *Science* e *Nature* (RAUHVANGERS, 2011; DUARTE, 2021). Um ano após o lançamento do Ranking de Shanghai, em 2004 aconteceu o lançamento do ranking inglês *Times Higher Education Quacquarelli Symonds Top University Ranking* (HAZELKORN, 2013), porém já em 2009 acabou se separando em duas tabelas distintas o *Times Higher Education Ranking* (THE) e o *Quacquarelli Symonds Ranking* (QS) (RAUHVANGERS, 2011). Este ranking tinha como princípio reconhecer IES como sendo organizações multifacetadas, acreditando que estes resultados obtidos eram uma forma destas

instituições de comparar seus resultados com seus pares globais, bem como analisar seus impactos de maneira a serem reconhecidas como universidades de classe global (THE-QS, 2009 apud. RAUHVANGERS, 2011)<sup>1</sup>. Ainda segundo Rauhvangers (2011), após a separação dos dois rankings o QS manteve a metodologia do THE-QS que prioriza a reputação da instituição entre pares, analisa também a qualidade do corpo docente, a quantidade de alunos, de citações e internacionalização da instituição. Já o THE rankings reformulou sua metodologia, passando a analisar dados fornecidos pela *Thomson Reuters*, avaliando as universidades em 13 indicadores agrupados em 5 áreas distintas (LIU, MOSHI, AWUOR, 2019). Outro ranking que ganhou destaque, foi o Leiden publicado pelo Centro de Estudos de Ciência e Tecnologia da Universidade de Leiden, na Holanda. Diferentemente dos outros três rankings mencionados anteriormente, as métricas deste *league table* se baseiam única e exclusivamente em dados bibliométricos coletados na WoS. Atualmente o Leiden ranqueia 1200 instituições do mundo todo, utilizando indicadores bibliométricos de publicação, impacto, gênero e outros (RAUHVANGERS, 2011).

Com a crise econômica global de 2008, diversos setores da sociedade foram afetados, como o do ensino superior. Governos Europeus estavam tendo problemas com grandes dívidas, e o modo como as Universidades eram administradas, por si só, tornou-se um grande problema (HAZELKORN, 2012). Ao mesmo tempo, conforme Harman (2011) e Hazelkorn (2012), houve uma maior preocupação com a qualidade da pesquisa e do conhecimento que eram gerados nas universidades européias, principalmente aquelas ligadas ao setor público. Líderes europeus não foram os únicos que tiveram dúvidas sobre a qualidade dos trabalhos que vinham sendo desenvolvidos dentro das universidades do continente. De acordo com Hazelkorn (2012), estudantes começaram a se preocupar com os crescentes aumentos nas taxas cobradas pelas universidades, especialmente quando comparadas com as taxas de empregabilidade da época, que eram muito baixas. Assim sendo, governos e investidores destas instituições deram início à lógica mais capitalista de custo *versus* qualidade. Esses parâmetros puderam ser verificados principalmente através da análise comparativa dos rankings internacionais (HAZELKORN, 2012).

Ainda de acordo com Hazelkorn (2012), rankings trazem uma melhor reputação para as universidades. Juntamente com esse aumento na reputação da

---

<sup>1</sup> THE-QS. Methodology: purpose and approach. 2009

instituição, a universidade consegue maior visibilidade internacional e conseqüentemente maior número de alunos, bem como maiores verbas, tanto do setor público quanto do privado. A autora comenta também que a popularidade dos rankings está intrinsecamente ligada à sua simplicidade. Entretanto, essa simplicidade que os rankings possuem, também é a principal razão pelas críticas feitas a eles.

As classificações comparam IESs usando uma variedade de indicadores diferentes e, em seguida, agregam as pontuações em um único dígito como um proxy para a qualidade geral. As pontuações são listadas de acordo com uma tabela classificatória. A escolha dos indicadores é baseada no julgamento de cada organização de classificação; não existe tal coisa como uma classificação objetiva. (HAZELKORN, 2013, tradução do autor).

Como consequência destas métricas empregadas por rankings universitários, universidades do mundo todo acabam tentadas a melhorar apenas em áreas que seriam consideradas proveitosas para alcançar uma posição mais alta dentro dos rankings internacionais (RAUHVARGERS, 2011). Continuando sua crítica, Rauhvargers (2011) ainda explica que muitas das métricas aplicadas pelos rankings são exclusivamente apoiadas em instrumentos bibliométricos, deixando de lado o ensino propriamente dito e demais ações que a universidade realiza em sua comunidade. Tal fato é corroborado por Douglass (2016), ao afirmar que, principalmente na América Latina, rankings falham em avaliar as atividades-fim que as universidades realizam.

De acordo com Axel-Berg (2018, p. 31-32), por mais que essas reduções que as universidades sofrem ao serem avaliadas pelos rankings internacionais aconteçam de fato, este comportamento é inevitável quando tais comparações são feitas. Acredita-se que isso ocorra pelo fato de que o ensino superior se encontrar enraizado numa estrutura mercantilizada, e que o desenvolvimento socioeconômico em geral pode estar ligado a estas tomadas de decisões das universidades. O autor ainda aponta que:

Esse cenário problemático, porém, tem por base uma tendência mais ampla dentro do ensino superior direcionado ao aumento da transparência institucional e à comparabilidade de desempenho em um nível impossível no passado (AXEL-BERG 2018 p. 31).

Segundo Elken, Hovdhaugen e Stensaker (2016), para que as IES possam ser avaliadas internacionalmente, estas instituições necessitam possuir características minimamente similares, a fim de serem consideradas como universidades, isso acarreta a busca destas instituições por validar apenas o que de semelhante houver estruturalmente entre elas. Verifica-se então, que mesmo havendo proveito nas características próprias e únicas, ainda seria interessante também a manutenção de características em comum com outras instituições, de modo a classificá-las como universidades (ELKEN; HOVDHAUGEN; STENSAKER, 2016).

Por mais que os rankings universitários sejam extremamente criticados por suas metodologias reducionistas, ou por favorecer mais o lado norte do globo, demonstram um caráter sólido, estando firmemente estabelecidos como mecanismo de avaliação de instituições de ensino superior, e é perceptível a crescente importância dada pelas universidades aos resultados recebidos nos rankings.

Em estudo realizado anteriormente sobre o comportamento das universidades brasileiras quanto a rankings, Alves, Dressler e Vanz (2019) analisaram os PDI's de 29 instituições brasileiras ranqueadas nas edições de 2016 do ARWU, do *Leiden Ranking*, do THE e do QS. Através das análises dos PDI's daquelas 29 instituições, foi constatado que apenas quatro delas tinham em seus objetivos crescer nos rankings internacionais, enquanto outras 10, apenas faziam menção à posição que ocupavam nos rankings internacionais. Desta maneira concluiu-se que:

Conforme os PDIs analisados, a maioria das universidades brasileiras não propõe ações para atender aos indicadores dos rankings internacionais e, conseqüentemente, melhorar suas posições nos mesmos. Tais resultados levam a concluir que as instituições nacionais ainda não demonstram interesse nem tampouco dão grande importância aos rankings internacionais. Importante ressaltar que alguns PDIs analisados já estavam fora do período de vigência e alguns possuíam período de até 10 anos. Considerando-se a atualidade dos rankings universitários, não surpreenderia encontrar universidades trabalhando em prol dos rankings sem que isso conste entre suas metas de PDI. (ALVES; DRESSLER; VANZ, 2019, p. 175)

Alves, Dressler e Vanz (2019) ainda apontam que dada a crescente relevância do tema rankings universitários internacionais, torna-se necessário que esse tipo de estudo seja continuado, a fim de se entender a visão das instituições brasileiras quanto ao tema rankings internacionais.



### 3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Este estudo é de natureza básica, com abordagem quanti-qualitativa e de caráter exploratório. Segundo Gil (2008), quando de caráter exploratório a pesquisa procura criar maior familiaridade com o problema, visando através dela aprofundar os conhecimentos sobre o tema. Este trabalho realiza o estudo documental de PDI's a fim de entender melhor como as universidades abordam o tema rankings.

A metodologia utilizada é a de coleta e análise dos PDI's, assim como descrito por Alves, Dressler e Vanz (2019). A amostra de universidades analisadas tem como base trabalho anterior realizado por Duarte (2021) e Duarte, Alves e Vanz (2022, no prelo), que identificou as 54 universidades nacionais avaliadas pelas edições 2020/2021, nos quatro principais rankings universitários internacionais, sendo eles o ARWU, o Leiden Ranking, o THE e QS.

**Quadro 1-** Universidades brasileiras presentes nos rankings ARWU, LEIDEN, QS e THE nos anos de 2020-21 selecionadas para a coleta dos PDI's

Universidade	ARWU	LEIDEN	QS	THE
Universidade de São Paulo (USP)	101-150	7	115	201-250
Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho (UNESP)	301-400	137	493	801-1000
Universidade de Campinas (UNICAMP)	301-400	178	233	401-500
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	401-500	274	651-700	601-800
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	401-500	231	380	801-1000
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	401-500	195	701-750	601-800
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	601-700	524	801-1000	1001+
Universidade Federal do Estado de São Paulo (UNIFESP)	601-700	444	420	601-800
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	701-800	459	801-1000	601-800
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)	701-800	619	801-1000	1001+
Universidade Federal Fluminense (UFF)	701-800	685	1001+	1001+
Universidade de Brasília (UNB)	701-800	625	801-1000	801-1000
Universidade Federal do Pernambuco (UFPE)	801-900	581	801-1000	1001+
Universidade Federal de Viçosa (UFV)	801-900	675	1001+	1001+
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	901-1000	853	1001+	1001+
Universidade Federal do Ceará (UFC)	901-1000	684	1001+	1001+
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	901-1000	651	1001+	1001+

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)	901-1000	858	1001+	1001+
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)	801-900	958	-	801-1000
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	801-900	733	-	1001+
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	-	981	1001+	1001+
Universidade Federal de Goiás (UFG)	801-900	828	-	1001+
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)	901-1000	-	-	1001+
Universidade Estadual do Maringá (UEM)	-	795	-	1001+
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	-	934	-	1001+
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	-	936	-	1001+
Universidade Federal do Pará (UFPA)	-	972	-	1001+
Universidade Federal de Lavras (UFLA)	-	1021	-	1001+
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	-	1069	-	1001+
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	-	1143	-	1001+
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)	-	-	651-700	601-800
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)	-	-	1001+	801-1000
Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)	-	1065	-	-
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	-	-	801-1000	-
Universidade Federal do Sergipe (UFS)	-	-	-	601-800
Universidade de Caxias do Sul (UCS)	-	-	-	1001+
Universidade Estadual do Ceará (UECE)	-	-	-	1001+
Universidade Federal do ABC (UFABC)	-	-	-	1001+
Universidade Federal do Alagoas (UFAL)	-	-	-	1001+
Universidade Federal das Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)	-	-	-	1001+
Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	-	-	-	1001+
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	-	-	-	1001+
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	-	-	-	1001+
Universidade Federal do Piauí (UFPI)	-	-	-	1001+
Universidade federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)	-	-	-	1001+
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	-	-	-	1001+
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)	-	-	-	1001+
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)	-	-	-	1001+
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)	-	-	-	1001+
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	-	-	-	1001+
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	-	-	-	1001+
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)	-	-	-	1001+

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	-	-	-	1001+
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)	-	-	-	1001+
Amarelo – presente em quatro rankings Verde – presente em três rankings Laranja – presente em dois rankings Azul – presente em um ranking				

Fonte: Duarte (2021)

A coleta documental dos PDI's ocorreu no mês de janeiro de 2022, através de dois tipos distintos de buscas. No primeiro momento foi realizada visita ao site de cada uma das instituições estudadas e se procurou pela página de documentos institucionais das universidades. Quando essa página não era encontrada, era realizada a pesquisa na aba de busca do site com os termos **“Plano de desenvolvimento institucional”, “PDI” e “Planejamento Estratégico”** para verificar a possibilidade de recuperar os PDI's. Tendo fracassado ambas as tentativas, a pesquisa era direcionada ao Google, usando a estratégia de busca **“Plano de desenvolvimento institucional: URL da instituição”**, desta forma os resultados obtidos foram limitados apenas aos encontrados dentro do site da instituição desejada. Assim foram obtidos 52 PDI's das 54 instituições pesquisadas, sendo que apenas os PDI's relativos à UCS e à UNIFOR não foram encontrados. Todos os documentos foram encontrados no formato PDF, e a leitura foi feita no programa *Adobe Acrobat Reader*, através da ferramenta de busca do *software*, com os termos “ranking” e/ou “rankings”, e posteriormente foram selecionados apenas os trechos que tratavam sobre rankings internacionais. Foi montada então uma planilha do editor Excel, com colunas para o período de cobertura de cada um dos PDI's, e discriminando a existência ou não de menção aos rankings universitários de cada PDI.

Após a identificação das universidades que fazem menções aos rankings internacionais, avaliou-se como são tratados os rankings internacionais dentro dos PDI's das universidades estudadas, para saber se estas instituições apenas mencionam a colocação da universidade dentro dos rankings, ou se ela também os coloca em suas metas e objetivos para o futuro. Além disso, foi feito um comparativo com o estudo de Alves, Dressler e Vanz (2019), para saber se as 29 universidades estudadas naquele trabalho passaram ou não a incluir rankings em seus PDI's.

## 4 RESULTADOS

Foram encontrados PDI's de 52 das 54 universidades pesquisadas neste trabalho. Cada um dos PDI's encontrados apresenta períodos de cobertura específicos, que variam de 2013 até 2030, e tendo duração entre quatro e dez anos (Quadro 2). A menção a rankings foi encontrada nos PDI's de 31 universidades, correspondendo a 57,4% do conjunto, (USP, UNESP, UFRJ, UNIFESP, UFSC, UFSCAR, UNB, UFV, UFBA, UFC, UFSM, UERJ, UEL, UFMS, UEM, UFLA, UFES, UFJF, PUC-Rio, PUC-RS, UFMT, UFS, UFABC, UFAL, UFCSPA, UNIFEI, UFOP, UFERSA, UTFPR, PUC-PR, UNISINOS). As outras 23 universidades, correspondendo a 42,6% do conjunto, não mencionam rankings (UNICAMP, UFMG, UFRGS, UFPR, UFF, UFPE, UFPEL, UFRN, UFG, UFPB, UFU, UFPA, PUC-SP, UCS, UECE, UFMA, UFPI, UNIFOR, PUC-MG, UDESC, UEPG, UESC, UNIOESTE, UCS e UNIFOR).

Ao analisar a quantidade de rankings em que a universidade está presente, e comparar com a menção a rankings em seus PDI's, foi possível verificar que, dentre as instituições que estão presentes nos quatro rankings trabalhados, 12 (66,7%) instituições mencionam rankings e seis (33,3%) não mencionam nada sobre eles em seu PDI. Já entre as instituições que estão presentes em três dos quatro rankings, apenas um (25%) faz menção a rankings, enquanto três (75%) não. É interessante ressaltar que parece não existir correlação entre o número de rankings em que a universidade está presente e a quantidade de instituições que mencionam rankings em seus PDI's. O grupo de universidades que está presente em dois dos quatro rankings, foi proporcionalmente o grupo onde se encontrou o maior número de universidades que mencionava rankings internacionais em seus PDI's. Já as universidades presentes em três dos quatro rankings, possuem o menor número de PDI's que fazem menção a rankings, proporcionalmente.

**Quadro 2 - Posição das universidades brasileiras nos rankings internacionais, período de cobertura dos PDI's e menção a rankings**

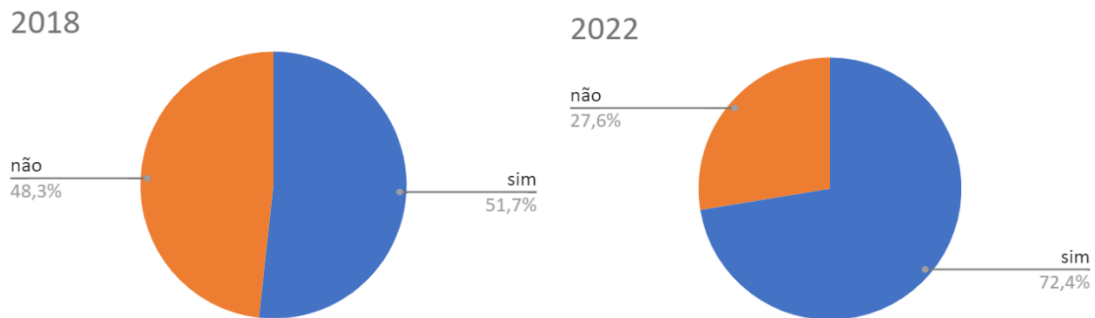
Universidades	Posição na edição 2020/2021				Período coberto pelo PDI	Menção a rankings
	ARWU	LEIDEN	QS	THE		
USP	101-150	7	115	201-250	2012-2017	Sim
UNESP	301-400	137	493	801-1000	2019-2028	Sim
UNICAMP	301-400	178	233	401-500	2020-2025	Não
UFMG	401-500	274	651-700	601-800	2018-2023	Não
UFRJ	401-500	231	380	801-1000	2020-2024	Sim
UFRGS	401-500	195	701-750	601-800	2016-2026	Não
UFPR	601-700	524	801-1000	1001+	2017-2021	Não
UNIFESP	601-700	444	420	601-800	2021-2025	Sim
UFSC	701-800	459	801-1000	601-800	2020-2024	Sim
UFSCAR	701-800	619	801-1000	1001+	2018-2022	Sim
UFF	701-800	685	1001+	1001+	2018-2022	Não
UNB	701-800	625	801-1000	801-1000	2018-2022	Sim
UFPE	801-900	581	801-1000	1001+	2019-2023	Não
UFV	801-900	675	1001+	1001+	2018-2023	Sim
UFBA	901-1000	853	1001+	1001+	2018-2022	Sim
UFC	901-1000	684	1001+	1001+	2018-2022	Sim
UFSM	901-1000	651	1001+	1001+	2016-2026	Sim
UERJ	901-1000	858	1001+	1001+	2017-2026	Sim
UFPEL	801-900	958	-	801-1000	2022-2026	Não
UFRN	801-900	733	-	1001+	2020-2029	Não
UEL	-	981	1001+	1001+	2016-2021	Sim
UFG	801-900	828	-	1001+	2018-2022	Não
UFMS	901-1000	-	-	1001+	2020-2024	Sim
UEM	-	795	-	1001+	2018-2022	Sim
UFPB	-	934	-	1001+	2019-2023	Não
UFU	-	936	-	1001+	2017-2021	Não
UFPA	-	972	-	1001+	2016-2025	Não
UFLA	-	1021	-	1001+	2021-2025	Sim
UFES	-	1069	-	1001+	2021-2030	Sim
UFJF	-	1143	-	1001+	2016-2020	Sim
PUC-Rio	-	-	651-700	601-800	2018-2022	Sim
PUC-RS	-	-	1001+	801-1000	2016-2022	Sim
UFMT	-	1065	-	-	2019-2023	Sim
PUC-SP	-	-	801-1000	-	2020-2024	Não
UFS	-	-	-	601-800	2021-2025	Sim
UCS	-	-	-	1001+	-	Não
UECE	-	-	-	1001+	2017-2021	Não
UFABC	-	-	-	1001+	2013-2022	Sim
UFAL	-	-	-	1001+	2019-2023	Sim

UFCSPA	-	-	-	1001+	2020-2029	<b>Sim</b>
UNIFEI	-	-	-	1001+	2019-2023	<b>Sim</b>
UFMA	-	-	-	1001+	2017-2021	<b>Não</b>
UFOP	-	-	-	1001+	2016-2025	<b>Sim</b>
UFPI	-	-	-	1001+	2020-2024	<b>Não</b>
UFERSA	-	-	-	1001+	2021-2025	<b>Sim</b>
UTFPR	-	-	-	1001+	2018-2022	<b>Sim</b>
UNIFOR	-	-	-	1001+	-	<b>Não</b>
PUC-MG	-	-	-	1001+	2017-2021	<b>Não</b>
PUC-PR	-	-	-	1001+	2019-2023	<b>Sim</b>
UDESC	-	-	-	1001+	2017-2021	<b>Não</b>
UEPG	-	-	-	1001+	2018-2022	<b>Não</b>
UESC	-	-	-	1001+	2018-2023	<b>Não</b>
UNISINOS	-	-	-	1001+	2019-2023	<b>Sim</b>
UNIOESTE	-	-	-	1001+	2019-2023	<b>Não</b>
Amarelo – presente em quatro rankings Verde – presente em três rankings Laranja – presente em dois rankings Azul – presente em um ranking						

Fonte: Dados da pesquisa; colunas b, c, d, e, retiradas de Duarte (2021)

Em comparativo com o estudo de Alves, Dressler e Vanz (2019), das 29 universidades estudadas, observou-se que 51,7% das instituições realizavam menções a rankings dentro de seus PDI's. No caso das 54 instituições deste estudo, esse número subiu para 57,4%, e desta maneira se verificou proporcionalmente um aumento de 5,7% no número de citações a rankings pelas universidades brasileiras. Entretanto, se forem utilizadas apenas as 29 instituições presentes no trabalho de 2019 (Gráfico 1), para fazer o comparativo, esta diferença aumenta ainda mais, passando para 72,4% o número de IES que fazem menções a rankings em seus PDI's, significando um aumento de 20,4%.

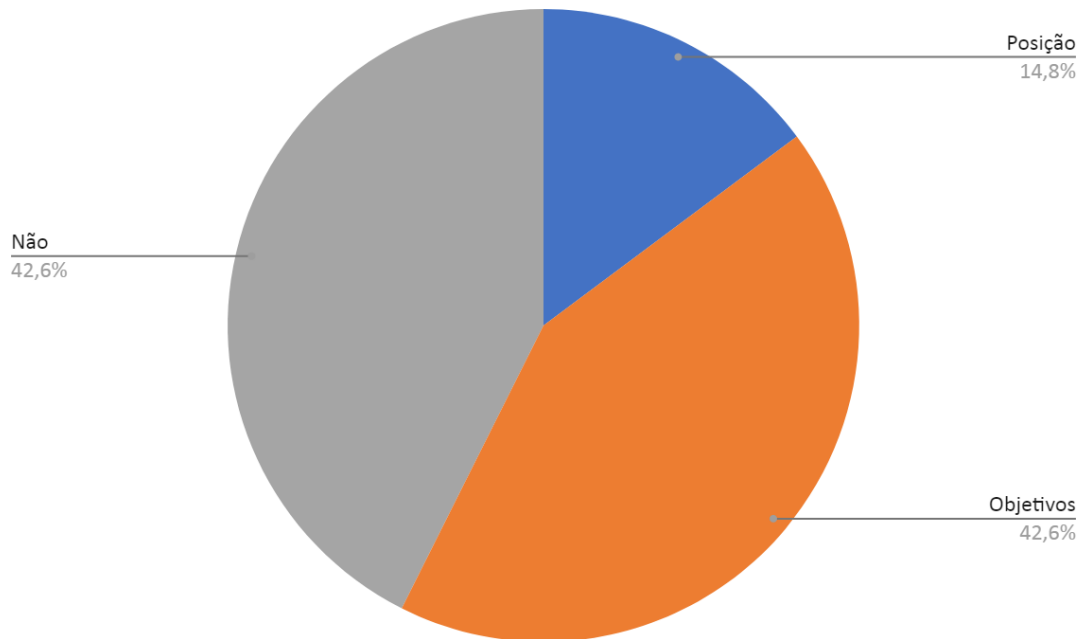
**Gráfico 1** - Evolução das menções a rankings no PDI de 29 instituições de Alves Dressler e Vanz (2019) e 2022



Fonte: gráfico 2019 gerado a partir de dados de Alves Dressler e Vanz (2019); Dados de pesquisa do autor

Segundo Hazelkorn (2007), rankings vêm ganhando notoriedade entre reitores e administradores, bem como entre possíveis financiadores de IES no mundo todo. Desta maneira acredita-se que universidades acabam por moldar seus objetivos, realocando fundos e fazendo parcerias, de forma a lhes trazer resultados de melhora nos rankings internacionais.

No caso das universidades brasileiras, pode-se perceber que boa parte das instituições que possuem menções a rankings internacionais em seus PDI's, colocam os rankings em seus objetivos e metas, ou demonstram realizar acompanhamento dos seus resultados neles. Todos os documentos em que foram encontradas menções a rankings, reconheciam os resultados que a instituição obteve nos rankings internacionais. Analisando os documentos das IES brasileiras é possível fazer a distinção entre universidades que não mencionam os rankings, as que colocam rankings seus objetivos e as que apenas mencionam a colocação da universidade nos rankings (Gráfico 2):

**Gráfico 2** - Tipos de menção a rankings nos PDI's das universidades brasileiras

Fonte: Dados da pesquisa do autor

O gráfico evidencia que a maior parte das menções feitas a rankings não aborda somente a colocação obtida pela universidade. Como Hazelkorn (2008) explica, cada vez mais, a partir destes rankings, universidades vêm reformulando suas estruturas, utilizando rankings como instrumento de avaliação externa à instituição, ou traçando metas para alcançar um patamar mais elevado dentro dessas tabelas de avaliação. Do total das 54 instituições pesquisadas foi possível averiguar que 42,6% (UNESP, UNIFESP UFSC, UFSCAR, UNB, UFV, UFC, UFSM, UERJ, UFMS, UEM, UFLA, UFES, UFJF, PUC-Rio, PUC-RS, UFS, UFABC, UFAL, UNIFEI, UFERSA, UTFPR e UNISINOS), possuem em seus objetivos a menção a rankings. Ao comparar com estudo anterior de Alves, Dressler e Vanz (2019), as universidades brasileiras parecem ter começado a dar mais importância a rankings em seus PDI's. Em 2019 as universidades que colocavam rankings em suas metas e objetivos representavam apenas 15,4% (UFMG, UFC, UFABC e UFLA). Assim, se percebe que existe agora uma maior preocupação dos gestores em tomar ações para o crescimento nos rankings, tendo em vista que houve um aumento significativo de 27,2% entre as instituições que mencionam rankings internacionais em seus PDI's. Entretanto, algumas universidades aparentam estar indo na direção inversa, como nos casos da



UFMG, da UFPR, da UFF e da UFRN, onde no estudo de 2019 rankings eram abordados em seus PDI's, porém não constam na versão mais atual do documento.

Dentre as universidades que mencionam os rankings em seus objetivos e metas foi possível observar algumas distinções sobre o que é tratado em cada documento sobre o assunto, e assim se pode dividi-las em grupos. O primeiro grupo é daquelas instituições que para além da menção aos rankings em suas metas, trazem junto uma discussão mais aprofundada sobre o tema, sendo elas a UFERSA, UNESP e UFABC. A UFERSA, além de mencionar a inserção da universidade no THE ranking, também tem como intenção a projeção para o aumento de posições no mesmo.

Em 2020, pelo segundo ano consecutivo, a UFERSA integrou o ranking global Times Higher Education (THE), que avalia as melhores universidades do mundo, porém a UFERSA ainda possui avaliação abaixo de seus pares mundiais, com score estimado de 11,55 pontos. Espera-se que até 2025, com o cumprimento dos objetivos propostos, a Universidade suba ao menos 320 posições neste ranking e obtenha incremento de 71% no score de avaliação. (UFERSA, 2021, p. 15)

Ainda há que citar a UFERSA (2021, p. 154-155), na seção “9.6.6 Desempenho no Times Higher Education (THE)”, pois foi a única das universidades trabalhadas a disponibilizar informações sobre o funcionamento da avaliação do ranking. Explicando cada um dos indicadores do THE ranking juntamente com seus devidos pesos.

Ensino (peso 30%) - Composto este critério, encontram-se os resultados de uma pesquisa de reputação no meio acadêmico aplicada pelo THE, isto é, uma avaliação entre pares, com peso igual a 15%; a proporção entre funcionários e estudantes, com peso 4.5% [sic]; a proporção entre o número de alunos de doutorado e bacharelado, com peso 2.25% [sic]; a proporção entre docentes e número de títulos de doutorado concedidos, com peso 6%, e, finalmente, a renda institucional, com peso 2.25% [sic].

[...]

Pesquisa (Peso 30%) - Os componentes do critério pesquisa são: novamente os resultados da pesquisa de reputação, com peso 18%, o volume de recursos destinados à pesquisa, com peso 6%, e a produtividade da pesquisa, com peso 6%. Saliencia-se que o volume de recursos destinado à pesquisa é uma medida controversa, dada sua dependência de condições econômicas e políticas públicas que fogem ao controle das instituições.

[...]

Citações (Peso 30%) - A avaliação das citações pretende retratar a influência da pesquisa realizada pela universidade. É examinado o número médio de vezes que um trabalho publicado pela universidade é citado por pesquisadores globalmente. São utilizados dados bibliométricos da Elsevier, incluindo mais de 23400 revistas acadêmicas indexadas pelo Scopus, livros, capítulos de livros e conferências, num total de 77.4 milhões de citações. Para

o ranking de 2020, foram consideradas citações entre os anos de 2014 e 2019.

Visibilidade Internacional (Peso 7.5%) - A visibilidade internacional compreende funcionários, estudantes e pesquisa. Os componentes são: proporção de estudantes internacionais, com peso 2.5%; proporção de funcionários internacionais, com peso 2.5%, e colaboração internacional, também com peso 2.5%. No componente de colaboração internacional, é calculada a proporção de publicações em revistas acadêmicas em que consta ao menos um coautor internacional.

Colaboração com a Indústria (Peso 2.5%) - Finalmente, o item colaboração com a indústria pretende avaliar a capacidade da universidade em prestar apoio à indústria com inovação, invenções ou consultoria. Avalia-se, portanto, a transferência de conhecimento entre a academia e a indústria ao mensurar quanto da renda de pesquisa da universidade é composto por ganhos que a instituição auferir a partir de sua atuação junto à indústria, ajustado pela paridade do poder de compra e escalonado pelo seu número de funcionários.

Essa transparência por parte da instituição, ao mostrar o que é avaliado pelos rankings, facilita a compreensão de como acontece a avaliação por parte dos rankings internacionais, pois por muitas vezes apenas seu resultado é compartilhado sem dar ao leitor um maior conhecimento ao assunto (ALVES; DRESSLER; VANZ, 2019).

A UNESP (2019) menciona os méritos da universidade quanto aos resultados conseguidos nos rankings de IES, ao mesmo tempo articula que tais resultados devem ser analisados com cautela:

Por sua vez, o bom posicionamento em rankings está relacionado a uma miríade de fatores, que variam de acordo com escolhas metodológicas: dados coletados, critérios, tratamento das informações, indicadores e outros considerados importantes pelos órgãos avaliadores. As particularidades da Unesp explicam por que ela se encontra bem-posicionada em alguns rankings e nem sempre em outros. Além disso, é preciso também considerar o fato de que a excelência da universidade precisa ser avaliada no contexto da sociedade na qual ela está inserida, o que alerta para a necessidade de relativizar tais avaliações e construir instrumentos próprios e adequados para atestar o caminho percorrido pela instituição, tendo em vista a realidade social na qual está inserida.

Com o crescimento na popularidade dos rankings universitários, algumas universidades acabam por se deslumbrar com seus resultados, mudando seus princípios e inclusive fraudando métricas, a fim de obter melhores posições nessas avaliações (RAUHVANGERS, 2011). Também é comentado que rankings, por muitas vezes, acabam transformando universidades em apenas números, sem levar em consideração os contextos distintos em que cada instituição está inserida (MARGINSON, 2007; HAZELKORN, 2013). A UNESP parece estar indo na contramão dessa visão, pois ainda argumenta que sua prioridade é a excelência universitária, e

que o avanço nos rankings seria apenas uma consequência do programa que é desenvolvido pela instituição:

Avançar no processo de internacionalização exige inicialmente a busca de excelência que propiciará o reconhecimento internacional e não apenas orientar o processo por meio do uso de rankings. Os resultados nos rankings acabam sendo uma consequência de todo planejamento e atividades desenvolvidas na instituição, não podendo se caracterizar como o principal objetivo a ser alcançado. É importante também desenvolver experiências internacionais de extensão. A interação entre várias culturas por meio do ensino, da pesquisa e da extensão deve possibilitar o conhecimento de problemas comuns à maioria das nações, contribuindo para a resolução de problemas mundiais. (UNESP, 2019, p 33)

A UFABC aborda amplamente o tema Rankings Internacionais no seu PDI, possuindo um subcapítulo inteiro dedicado ao tema. Nesta seção a UFABC (2013, p. 20-23) reitera a importância dos rankings dispondo:

[...] a UFABC deve acompanhar e estudar os mais diversos rankings universitários, desde as avaliações periódicas dos cursos da graduação e da pós-graduação pelo MEC e pela Capes, até os rankings internacionais de universidades de classe mundial.

Como disposto por Hosier e Houlash (2017), por mais que seja tentador tomar decisões a partir dos rankings internacionais, é necessário cautela e olhar criterioso sobre o assunto. Igarashi e Saito (2014) corroboram explicando que quanto maior for a normalização do processo de tomar decisões para a instituição a partir de rankings internacionais, menor a diversidade no âmbito do ensino superior. Tal atitude pode ser vista pela a UFABC que coloca:

Esses rankings não devem tornar-se obsessão, e nunca devem ser interpretados como verdades absolutas ou hierarquias rígidas. A verdadeira função dos rankings é ilustrar o perfil de universidades excelentes e indicar onde cada uma pode melhorar. A UFABC pode e deve usar os rankings e as avaliações como ferramentas na busca da excelência, mas sem abrir mão, nessa busca, da sua individualidade e de seu perfil único, que a diferencia de outras universidades nacionais e internacionais.

[...]

Estes rankings são muito valorizados no meio acadêmico e na mídia, mas frequentemente criticados por favorecerem universidades tradicionais, grandes e do mundo anglo-saxônico. Sendo essas três características atributos que não se aplicam à UFABC, é uma possibilidade apenas remota a Universidade figurar nesses rankings até 2022, horizonte temporal do PDI. Obviamente, entrar nesses rankings exclusivos pode ser uma das possíveis consequências das atividades e dos esforços descritos nesse Plano, mas essa não deve ser uma meta fixa. (UFABC, 2013, p. 20-23)

Ainda assim os rankings internacionais aparecem entre as metas do PDI UFABC (2013, p. 27), que coloca “Trabalhar de forma a melhorar a posição da UFABC nos rankings universitários aplicáveis, mantendo, ao mesmo tempo, um olhar crítico sobre o que esses rankings medem e para que eles servem.” Ainda sobre o tema, a UFABC (2013, p. 23) aponta:

[...] criação de um “Observatório da Excelência”, cuja missão abrange o monitoramento e a análise dos rankings e avaliações nacionais e internacionais, e a formulação de recomendações para as políticas da UFABC na sua busca pela excelência.

Segundo Marcovitch (2018), 60% das universidades europeias mantêm equipes vinculadas às suas reitorias, para a análise contínua de indicadores e métricas dos rankings internacionais. Além da UFABC, também foi possível observar interesse em ter esse acompanhamento mais de perto dos indicadores nos PDI’s das seguintes instituições: UEM, UFES, UFMS, UFV, UNB, UNIFESP e UFJF. A UEM (2018, p. 181), no quadro de objetivos da universidade, parece “Institucionalizar o Processo de Disponibilização de Dados Relevantes para os Rankings da Universidade”, e no mesmo quadro ainda coloca “Melhorar o Posicionamento da UEM em Rankings Nacionais e Internacionais”.

Conforme colocado por Buza e Tomé (2019), rankings universitários fazem com que as instituições não se tornem indiferentes ao que está acontecendo ao seu redor. Estas avaliações forçam com que gestores, professores e funcionários fiquem mais ativos e conseqüentemente menos indiferentes às avaliações da universidade. No PDI da UFES (2021, p. 77-78) foi encontrado que além da universidade se utilizar de indicadores de avaliação do Ministério da educação e de outros indicadores internos da instituição, “a Administração Central tem acompanhado, por meio das instâncias de avaliação institucional e internacionalização, o desempenho da Ufes [sic] em rankings nacionais e internacionais.”

A primeira menção a rankings encontrada no PDI da UFMS (2021, p. 31), por exemplo, fala sobre objetivos relacionados à inserção da UFMS nos rankings internacionais, e que ela possibilita a “atração de um número maior de estudantes e professores estrangeiros nos PPGs<sup>2</sup> por meio da inserção em plataformas internacionais proporcionadas pelo ingresso em rankings mundiais”. Ainda coloca que

---

<sup>2</sup> PPG- Programa de Pós-Graduação.

pretende “Acompanhar os rankings nacionais e internacionais, contribuindo com a adesão e melhoria na avaliação dos indicadores da UFMS” (UFMS, 2021, p. 63). Thiengo et al. (2019) discutem que, dentro de rankings internacionais, a internacionalização é geralmente um indicador com um peso mais baixo, entretanto ele está ligado diretamente com a qualidade do corpo docente, que leva em conta a quantidade de professores estrangeiros da instituição. Dessa maneira, por mais que a internacionalização não tenha um peso tão grande no resultado total dos rankings, ela ainda exerce influência em outros indicadores de avaliação.

Hazelkorn (2013) dispõe que as universidades de países em situação de recessão econômica deveriam ser os mais interessados nos resultados dos rankings universitários. Constata-se que as universidades vêm reconhecendo a falta de acompanhamento dessas avaliações por parte das IES nacionais. A UFV (2018, p. 56) compreende que existe essa lacuna em relação a rankings internacionais e que a mesma precisa ser preenchida apontando em suas metas:

Meta 2 - Sistematizar o acompanhamento de indicadores e resultados das avaliações internas e externas.

[...]

Existe a necessidade de compor banco de dados para subsidiar a prestação de informações para rankings e relatórios.

Outra instituição que também enxerga que existe um espaço a ser desenvolvido do sobre rankings internacionais é a UNB (2018, p. 164), que coloca precisar de acompanhamento mais de perto dos indicadores dos rankings internacionais:

No acompanhamento das avaliações externas são realizadas ações de melhoria da qualidade da coleta das informações, a fim de contribuir para a melhoria da posição da UnB segundo as metodologias dos rankings. Seu acompanhamento ocorrerá por meio de avaliação das metas de avanço da posição dos cursos e da UnB na classificação dos rankings, nos anos de vigência do PDI 2018-2022.

No Quadro “Gestão Unidade: Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO)” (UNB, 2018), rankings internacionais ainda aparecem como indicadores no objetivo 2 “Consolidar a política de avaliação institucional”.

A UNIFESP (2021, p. 145) fala sobre a criação do escritório de dados estratégicos institucionais, tendo como uma de suas funções a análise dos resultados nos rankings:

O Escritório de Dados Estratégicos Institucionais (E-Dados) foi criado pela Unifesp em 2019 para ampliar o uso de dados, indicadores e metas no seu planejamento estratégico e nas suas políticas institucionais, e para apresentar, de forma clara e acessível, dados e indicadores de sua atuação à comunidade acadêmica, à sociedade, aos órgãos controladores e governos. O escritório trabalha nas análises dos rankings de desempenho acadêmico para uma melhor compreensão dos seus resultados e melhor entendimento das dinâmicas internas e externas voltadas ao ensino, pesquisa e extensão que levam aos seus resultados.

A UFJF (2016, p. 120) aponta que realiza o monitoramento de seus resultados nos rankings:

Além disso, a DIAVI cuida da interação da UFJF com outros organismos e entidades que realizam avaliações, como é o caso do Guia do Estudante e da Folha de São Paulo, e de outros veículos internacionais como o QS Top Universities, o Times Higher Education World University Rankings (THE), entre outros.

No contexto de um país onde as universidades públicas federais dominam o cenário do ensino superior, as universidades privadas deveriam ser as mais preocupadas com rankings, pois estas tabelas internacionais são uma forma das instituições captarem alunos e professores (HAZELKORN, 2013). É possível notar que o número de universidades privadas que colocam os rankings em suas metas ainda é pequeno, apenas três universidades, de oito do total estudadas fazem isso. A PUC-Rio (2018, p. 112) coloca como um de seus objetivos: - Atualizar banco de pesquisadores e empresas colaboradoras para as pesquisas de reputação dos rankings internacionais. Ainda menciona:

No contexto da avaliação externa, a PUC-Rio valoriza a participação em diferentes modalidades, entendendo que o olhar externo sobre sua realidade e as conclusões dele advindas contribuem para o diagnóstico e aperfeiçoamento de sua missão. [...] no contexto internacional, dos rankings elaborados anualmente pelos institutos de avaliação THE Times Higher Education e QS Quacquarelli Symonds, sediados em Londres, e do UI Greenmetric Ranking of World Universities, organizado pela Universidade da Indonésia.

De acordo com Gonçalves e Calderón (2019) e Igarashi e Saito (2014), os resultados surtidos pelos rankings universitários geram impactos dentro e fora da universidade. Estes rankings atribuem um capital simbólico à instituição, aos seus

gestores, pesquisadores e alunos, e para a além disso à sociedade em seu entorno. A PUC-RS (2016, p. 31-32) menciona que atualmente é impossível não prestar atenção nos rankings internacionais:

A busca pela melhoria da qualidade é uma constante na Educação Superior. O acompanhamento da qualidade por meio de indicadores oficiais e as comparações em rankings nacionais e internacionais são irreversíveis. Atenta ao contexto em que se insere, a PUCRS vem continuamente buscando responder às demandas da sociedade no que diz respeito à inovação curricular e às propostas de novos cursos e disciplinas, pautada por referenciais de excelência acadêmica, sem perder de vista sua identidade e missão.

Das universidades privadas deste estudo que intencionam em suas metas crescer nos rankings, a Unisinos o faz de maneira mais breve. Instituiu no “Quadro 13 - Indicadores e metas de internacionalização” (UNISINOS, 2019, p. 100), utilizar sua posição no ranking QS, como um indicador de sua internacionalização.

Marginson e van der Wende (2007) explicam que até o final dos anos 1990, as relações internacionais entre universidades, mesmo proveitosas, aconteciam de maneira menos regular e recorrente. Porém partir do surgimento dos rankings, essa cooperação foi ressignificada, pois universidades passaram a usar os acordos internacionais como uma maneira de se juntarem a outras instituições, de modo a fortalecer seus resultados nos rankings de IES. Observa-se que algumas universidades brasileiras parecem utilizar rankings como ferramenta de análise para medir o nível de internacionalização, como nas seguintes instituições: UFSC, UFSM e UTFPR. A UFSC (2021, p. 56) coloca que tem como um de seus objetivos ampliar sua visibilidade internacional:

Compreendendo a importância de preparar servidores técnico-administrativos em educação para o processo de internacionalização e criando um ambiente multicultural e internacional em todas as instâncias da Universidade, o objetivo a ser alcançado por todos os envolvidos e a melhoria do item “reputação” da UFSC nos principais rankings do ensino superior, como QS [...] e o THE [...] para consolidar a Universidade como referência nacional e internacional.

Alinhada com essa ideia, a UFSC ainda coloca como um de seus objetivos “Ampliar a visibilidade da UFSC em um âmbito nacional internacional” (UFSC, 2021, p.193), e para isso um dos indicadores utilizados é “**Posição da Universidade dos rankings internacionais**” (UFSC, 2021, p.193). Interessante observar que a posição ocupada pela universidade em rankings internacionais não é só de interesse, pois

quanto maior a colocação das universidades em rankings internacionais, maior também sua visibilidade entre pares, gerando assim maior número de acordos de cooperação com universidades mais prestigiadas e conseqüentemente mais verba (HAZELKORN, 2013).

É possível perceber que parte das universidades brasileiras costumam focar seus objetivos em rankings internacionais de contextos específicos, mencionando, por exemplo, rankings que englobem apenas universidades da América Latina. Uma hipótese para tal comportamento é o fato de universidades utilizarem os rankings para demonstrar sua qualidade, e nesses rankings regionais as universidades tendem a estar mais bem colocadas (MORPHEW; SWANSON, 2011). A UFSM (2022, p. 148) coloca em seu “3.5.2. Quadro de indicadores e metas” como um indicador, a “Posição entre as brasileiras no pilar internacionalização do Ranking QS América Latina”, para avaliar sua inserção científica internacional. Em seguida a instituição complementa tal afirmação:

Ciente de que um único índice não resume a qualidade da instituição, mas de que indicadores são indispensáveis para acompanhar o alcance de suas estratégias, a UFSM definiu, em seu plano de metas 2018-2021, o uso do IGC como o indicador que representaria a sua principal meta. [...]

No intuito de complementar essa visão do IGC, que permite avaliar a UFSM no contexto nacional, a revisão do plano de metas propôs o uso de um ranking internacional. O ranking apresentado como sugestão foi a edição da América Latina do QS Rankings, considerando que o seu reconhecimento internacional e a definição de metas para o Desafio 1 e Desafio 4, que utilizaram como indicador pilares avaliados por esse ranking, o que contribuirá para o alcance dos resultados gerais traçados. (UFSM, 2022, p. 461)

A UTFPR (2017, p. 28) aponta no seu quadro de macro objetivos “Aprimorar mecanismos de inserção e de elevação em rankings nacionais e internacionais”. Já na seção 13.3 EIXO 3: POLÍTICAS ACADÊMICAS, disserta sobre vários temas que a universidade dará enfoque, entre eles a internacionalização, bem como a pretensão de instituir um maior controle sobre a produção da universidade, assim “Com este conjunto de ações, espera-se que até 2022 a UTFPR integre o rol das melhores universidades da América Latina e seja contemplada nos rankings mundiais.” (UTFPR, 2017, p. 156).

No caso da UFSCar (2018, p. 42) rankings internacionais aparecem no “Quadro 5.2 - Compatibilização dos objetivos correspondentes aos períodos 2013 – 2017 e 2018 – 2022, por eixo temático” como objetivos dentro do eixo temático de



“produção e disseminação do conhecimento Objetivo 3.4: Projetar a UFSCar nos rankings internacionais”. Também enfatizam a prioridade de manter a posição de destaque nos rankings:

A UFSCar deve continuar a ser destaque nacional e internacionalmente como uma das melhores universidades brasileiras e da América Latina nos rankings internacionais, cuja presença nesses rankings à habilite a ser comparada às outras universidades de excelência de qualquer país. (UFSCar, 2018, p. 173)

A UFAL (2019, p. 311) descreve as ações que serão tomadas para a melhoria nos rankings de forma bem breve:

No acompanhamento das avaliações externas são realizadas ações de melhoria da qualidade da coleta das informações, a fim de contribuir para o avanço da posição da Ufal [sic] segundo as metodologias dos rankings. Nos anos de vigência do PDI UFAL 2019-2023, esse acompanhamento ocorrerá por meio de avaliação das metas de avanço da posição dos cursos e da Ufal [sic] na classificação dos rankings.

Alves, Dressler e Vanz (2019) apontam que o tema ranking era tratado de maneira muito superficial tanto dentro dos PDI's das universidades brasileiras quanto em suas notícias. Além disso era abordado brevemente, sem bem contextualizar o que realmente está sendo trabalhado. A UNIFEI (2019, p. 12), coloca no seu quadro de planejamento estratégico “Melhorar o posicionamento da Unifei [sic] nos rankings em que participa” citando o QS ranking e o THE ranking. No caso da UERJ, o documento encontrado foi o PDI de Internacionalização da instituição. Nele a UERJ (2018, p.4-6) fala da qualidade do trabalho feito pela instituição, que pode ser comprovada “por meio de alguns rankings nacionais e internacionais”. E coloca como uma de suas metas “Elevar a posição da UERJ nos rankings nacionais e internacionais”. A UFC (2018, p. 30) coloca como um dos seus indicadores de desempenho os rankings universitários - “Indicador 2.1: Posição nos rankings acadêmicos internacionais (THE, QS, Ranking Universitário da Folha e congêneres) nas dimensões da pesquisa e internacionalização.” Além de mencionar sua posição nos Rankings Internacionais, a UFS (2021, p. 183) coloca em seus objetivos institucionais “assegurar a posição alcançada pela UFS nos rankings internacionais: Times Higher Education (THE), Clarivate Analytics”; tal afirmação da UFS parece ser um equívoco, pelo fato de ambos não serem relacionados. Porém, compreende-se que as universidades nacionais possuem caráter muito plural (MARCOVITCH, 2018b), e que o PDI deve não apenas abordar um único assunto, e sim a universidade e suas

individualidades como um todo, e apenas por estas instituições realizarem a menção a rankings em suas metas, já demonstram estar interessadas no assunto.

O PDI é um documento de caráter avaliativo, nele são dispostos pontos de interesse da instituição, pois apresentam a mesma e ainda demonstram alguns de seus feitos (DAL MAGRO; RAUSCH, 2011). Dessa maneira é compreensível que as instituições coloquem dentro do PDI as posições alcançadas em rankings anteriores, uma vez que servem como uma forma de prestação de contas à sociedade. Algumas Universidades apenas colocam em seus PDI's suas colocações nos rankings. A PUC-PR (2019, p. 13) divulga seus resultados nos rankings:

Apesar de recente, a pesquisa da PUCPR tem contribuído para que a universidade alcance patamares de excelência internacional. Mencionada pela primeira vez na edição 2015-16 do Times Higher Education (THE) World University Rankings, ranking institucional de maior prestígio mundial e considerado um dos mais relevantes na área de educação superior, a universidade foi uma das 17 brasileiras ranqueadas, sendo a 5ª colocada, empatada com outras 12 instituições públicas e privadas. Nessa edição, a PUCPR foi classificada em 1º lugar entre as instituições brasileiras na categoria citações, o que demonstrou a influência internacional e a qualidade da pesquisa desenvolvida na PUCPR.

No QS University Rankings Latin America 2019, a PUCPR ficou na 124ª posição.

Já a UFBA apresenta um comportamento diferente de todas as universidades estudadas. Ela nada comenta sobre a sua própria posição dentro dos rankings universitários internacionais, ao invés disso aponta que “num ranking de 3.500 universidades do mundo todo, o Brasil tem apenas a USP entre as 200 melhores, com posição relativa decrescente nos últimos anos (UFBA, 2018, p. 58). Esse tipo de comportamento gera estranheza, mas percebe-se que exista certa rivalidade, uma vez que a universidade expõe que a posição de seu par vem caindo.

A UFCSPA (2020, p. 28) exalta o resultado obtido pela instituição nos últimos anos:

No que tange a ranqueamentos internacionais, a UFCSPA, em 2019, pela primeira vez em sua história, foi citada entre as melhores universidades do mundo e da América Latina no ranking da Times Higher Education – THE –, uma das mais importantes em avaliação do ensino superior no mundo. Esse ranking considera fatores como ensino, pesquisa, citações em revistas científicas, registros de patentes e internacionalização.

A relevância dada a rankings regionais volta a aparecer nos PDI's da UFMT, UFRJ e UEL. É importante ressaltar que as três universidades estão presentes nas

versões globais dos rankings. No caso da UFRJ, ela ainda se faz presente em todos os quatro rankings deste estudo, entretanto, como nas versões regionais as universidades costumam estar em posição mais altas, elas tendem a apenas divulgar os resultados que mais as convém (ALVES; DRESSLER; VANZ, 2019). A UFMT (2019, p. 94) coloca:

Associada a cinco grupos internacionais (FAUBAI, Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), Grupo Tordesilhas, AULP e UDUAL), a UFMT ocupa a 122ª posição no QS World University Rankings Latin America, a 33ª colocação geral entre as Universidades do Brasil no Ranking Universitário Folha e a 62ª posição no quesito internacionalização.

Rankings são uma ferramenta que permite que a sociedade mensure e fiscalize o que está sendo produzido dentro das universidades. Eles são, talvez, dentre as mais diversas formas de avaliação de IES, as que mais chamem a atenção do público e da mídia (RIGHETTI, 2018). Então, para uma universidade do tamanho e da tradição da UFRJ, o que se encontra sobre rankings em seu PDI é ainda muito acanhado. A instituição dispõe:

A UFRJ possui pesquisa em todas as grandes áreas do conhecimento e tenta ampliar o reconhecimento internacional que a mantém entre as três melhores Instituições de Ensino Superior (IES) do país e entre as 10 melhores da América Latina (segundo o QS University Ranking em 2019) (UFRJ, 2020, p. 80).

A UEL aponta sua colocação no QS ranking (2016, p. 41):

Em 2018, o Quacquarelli Symonds Limited – QS avaliou instituições inscritas de 21 países latino-americanos, classificando as 400 primeiras. A UEL obteve as seguintes colocações: 1ª Universidade Estadual do Paraná; 5ª Universidade Estadual do Brasil; 25ª Instituição de Ensino Superior do Brasil e 95ª Instituição de Ensino Superior da América Latina (Quadro 6). Ressalta-se que até 2017 eram classificadas 300 Instituições em 20 países da América Latina, um dos motivos que houve uma mudança na classificação geral da UEL neste ranking.

A UFOP (2016, p. 16) faz breve menção a rankings colocando que a qualidade da universidade pode ser vista pelas avaliações realizadas pelo “Ministério da Educação e pelos diversos rankings organizados por instituições privadas nacionais e internacionais.”

Existe a tendência de que universidades que estão há mais tempo nos rankings internacionais abordem mais o assunto dentro de seus PDI's. Estes rankings universitários internacionais podem ser novos, entretanto se observa que vêm

ganhando muito espaço num cenário global. É papel da universidade se manter atualizada, visar seus valores, reforçar a importância da qualidade de seu ensino e o impacto causado na sociedade a qual está inserida (MARCOVICTH, 2018a). Essa noção de avaliação comparativa está diretamente ligada ao modo como nossa sociedade se desenvolve social e economicamente, e de como o ensino superior foi um fator determinante para tal (AXEL-BERG, 2018). Sobre essa ótica, é inviável que as universidades continuem a deixar de lado os rankings universitários, e subentende-se que a tendência é que eles continuem ganhando força, e sigam chamando mais atenção de gestores das IES nacionais. Bem como, bibliotecários reconheçam este espaço como oportunidade para atuação futura, tendo em vista o grande impacto que os dados bibliométricos têm sobre os resultados obtidos nos rankings.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu averiguar se e como as universidades brasileiras presentes nos principais rankings internacionais de educação superior mencionam esses rankings em seus PDI's, realizando a coleta e a análise dos planos de 54 instituições ranqueadas no AWRU, no Leiden Ranking, no THE Ranking e no QS Ranking. Através das análises dos PDI's, pode-se observar que o número de universidades brasileiras que possuem menção a rankings em seu documento é equivalente a 57,4% do total do conjunto estudado. Ainda assim, existe um número elevado de instituições que não fazem menções a rankings em seus PDI's. É importante ressaltar que muitos PDI's encontrados já estavam desatualizados e até mesmo fora do seu período de cobertura, e que isso pode ser um dos motivos para a alta taxa de documentos que ainda não mencionam o tema ranking.

Com o incremento no número de universidades brasileiras inseridas nos rankings internacionais, acreditava-se que haveria uma quantidade maior de universidades dando importância aos rankings em seus PDI's, e apesar do tema ainda não ser amplamente debatido dentro dos PDI's das universidades brasileiras, elas vêm cada vez mais dando importância aos rankings universitários. Comparando proporcionalmente o número de documentos que fazem menção a rankings com o estudo anterior de 2019, houve um aumento pequeno na quantidade de menções a rankings, de 5,7% nos PDI's. Se observadas apenas as 29 instituições elencadas no estudo de 2019, e analisando os novos PDI's encontrados, a quantidade de universidades que fazem menção a rankings em seus documentos sobe para 72,4%, indicando assim que universidades que estão há mais tempo presentes nos rankings universitários dão maior atenção para o assunto do que instituições que passaram a ser ranqueadas mais recentemente.

Também se destaca o caso de algumas instituições que em seu PDI anterior mencionavam rankings, e que na versão mais atual do documento nem sequer citam seus resultados, como pode ser observado nos casos da UFMG, da UFPR, da UFF e da UFRN. De certa forma, fica demonstrado o desejo destas instituições de se distanciarem do tema, não se sabendo o porquê disso.

Outro ponto que chama atenção é que a quantidade de universidades que passaram a colocar os rankings universitários em suas metas quase triplicou, no período que separou o estudo anterior do presente. Algumas universidades vêm demonstrando um interesse grande nos rankings universitários, criando tabelas e até subcapítulos inteiros em seus PDI's inteiramente dedicados aos rankings. Conseqüentemente observa-se que o número de IES que apenas menciona sua posição nos rankings universitários pode ser considerado pequeno, apenas 25,8% do total de menções encontradas. Universidades como UFERSA, UNESP, UFABC, UEM, UFES, UFMS, UFV, UNB, e UNIFESP demonstram grande interesse nos rankings, reconhecem sua importância na atualidade e seus benefícios. Em alguns casos, porém, foram encontradas até mesmo críticas aos rankings, como nos PDI's da UFABC e da UNESP, de maneira que é possível entender que as universidades brasileiras não só vêm prestando mais atenção nos rankings, mas também estão amadurecendo seus pontos de vista sobre eles, lançando um olhar mais crítico sobre o assunto.

Era esperado que universidades mais bem posicionadas nos rankings fossem o grupo de instituições que mais possui a menção de rankings em seus PDI's. Entretanto, universidades como a Unicamp, UFMG, UFRGS, UFPR, UFF e UFPE, que estão bem-posicionadas entre os quatro principais rankings internacionais, nada mencionam sobre o assunto em seus PDI's. Alguns casos chamam ainda mais atenção, pelo fato de ocorrer, dentro dessas instituições, o acompanhamento e a análise dos resultados obtidos nos rankings internacionais, como o caso da UFRGS e da Unicamp. Salientado ainda o fato de a Unicamp ter publicado seu PDI atual em 2020, e estar entre as três melhores universidades do país internacionalmente, a expectativa seria de que essa universidade fosse mais ativa em relação ao tema. Entretanto, viu-se que o grupo de instituições que estava presente em apenas dois rankings, proporcionalmente é o grupo que possui o maior número de PDI's com menções ao tema.

Espera-se que haja ainda um incremento substancial no número de universidades brasileiras fazendo parte destes quatro principais rankings internacionais, bem como de outros não citados neste trabalho. Também é esperado que a importância dada a esse tema pelas IES brasileiras continue crescendo, e que um número cada vez maior de instituições passe a trabalhar rankings internacionais

em seus PDI's. Com a globalização do mundo atual, a universidade não pode ficar para trás, posto que ela ocupa espaço central no desenvolvimento da ciência local, e consequentemente, no desenvolvimento da sociedade ao seu redor.

Com isso torna-se necessário que estudos sobre rankings sejam constantemente atualizados, para que se possa avaliar a situação das universidades brasileiras. Essas atualizações não devem se restringir apenas aos estudos de PDI's, mas também precisam abranger as implicações que eles têm nas universidades brasileiras, como se dá a veiculação de notícias sobre rankings, bem como suas limitações na hora de avaliar universidades fora do contexto de países desenvolvidos. Também é destaca-se que existe um espaço para outras pesquisas sobre o tema sejam realizadas, pode-se tentar replicar os resultados obtidos em rankings como o Leiden, por terem uma metodologia mais transparente e totalmente baseada em dados bibliométricos que são de mais fácil acesso. Também fazendo análises comparativas dos resultados dos rankings obtidos instituições de outros países como dos BRICS<sup>3</sup> bem como da América Latina, por terem contextos econômicos e sociais similares ao do Brasil.

---

<sup>3</sup> Organização de economias emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

## REFERÊNCIAS

- ALTBACH, P. G. Peripheries and Centres: Research Universities in Developing Countries. **Higher Education Management and Policy**, [s.l.], v, 19, n. 2, p.111-134, 2007.
- ALVES, A. B. V.; DRESSLER, C. G.; VANZ, S. A. S. Rankings acadêmicos nas universidades públicas brasileiras: presença no planejamento estratégico e nas notícias institucionais. In: CALDERÓN, A. I.; WANDERCIL, M.; MARTINS, E. C. (org.). **Rankings acadêmicos e governança universitária no espaço do ensino superior de língua portuguesa**: Angola, Cabo Verde, Macau, Moçambique, Portugal e Brasil. Brasília: Anpae, 2019. p. 164-181.
- ANNA, J. S. O bibliotecário em face das transformações sociais: de guardião a um profissional desinstitucionalizado. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 138-157, jan./abr., 2015.
- AXEL-BERG, J. Indicadores para Efeito de Comparação Internacional no Ensino Superior. Introdução. In: MARCOVITCH, J. (org.). **Repensar a universidade: desempenho acadêmico e comparações internacionais**. São Paulo: Com-Arte; Fapesp, 2018. p. 31-44.
- CLARIVATE ANALYTICS. **A pesquisa no Brasil**: promovendo a excelência. Filadélfia: Clarivate Analytics, 2019. Disponível em: [http://www.sbponline.org.br/arquivos/Promovendo\\_a\\_excele%CC%82ncia.pdf](http://www.sbponline.org.br/arquivos/Promovendo_a_excele%CC%82ncia.pdf). Acesso em: 15 out. 2021.
- DAL MAGRO, C. B.; RAUSCH, R. B. Plano de desenvolvimento institucional de universidades federais brasileiras. **Administração**: Ensino e Pesquisa, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 427-454, 2012.
- DOUGLASS, J. A. **The New Flagship University: Changing the Paradigm from Global Ranking to National Relevancy**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2016.
- DUARTE, M. F. **Análise do desempenho das universidades brasileiras nos rankings universitários internacionais**. 2021. 78 f. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021
- DUARTE, M. F.; ALVES, A. B. V.; VANZ, S. A. S. **As universidades brasileiras nos rankings universitários internacionais: desempenho e divulgação**. 2021. no prelo.
- DURHAM, E. R. Higher education in Brazil: Public and Private. In: Brock C & Schwartzman S (Eds), **The Challenges of Education in Brazil. Oxford Studies in Comparative Education**. Oxford: Triangle Journals, 2004, p. 147-178, 2003.
- ELKEN, M.; HOVDHAUGEN, E.; STENSAKER, B. Global rankings in the Nordic region: challenging the identity of research-intensive universities? **Higher Education**, Washington, Jan. 2016.



FEDERKEIL, G. Rankings and Quality Assurance in Higher Education. **Higher Education in Europe**, v. 33, n. 2-3, p. 219-231, 2008.

GOMES, O. F. et al. Sentidos e implicações da gestão universitária para os gestores universitários. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 6, n. 4 Edição Especial, p. 234-255, 2013.

GONÇALVES, A.; CALDERÓN, A. I. Implicações dos rankings acadêmicos na educação superior: internacionalização, governança universitária, qualidade e produtividade. CANDERÓN, A. I.; WANDERCIL, M.; MARTINS, E. C. (org.). **Rankings acadêmicos e governança universitária no espaço do ensino superior de língua portuguesa**: Angola, Cabo Verde, Macau, Moçambique, Portugal e Brasil. Brasília: Anpae, 2019. p. 164-181.

HAZELKORN, E. European 'Transparency Instruments': Driving the Modernisation of European Higher Education. In: CURAJ, A. et al. (Eds.). **European Higher Education at the Crossroads**. Dordrecht: Springer, 2012. p. 339–360.

HAZELKORN, E. How Rankings are Reshaping Higher Education. In: CLIMENT, V.; MICHAVILA, F.; RIPOLLÉS, M. (Eds.). **Los rankings universitarios, Mitos y Realidades**. Madrid: Técnos, 2013.

HAZELKORN, E. The Impact of League Tables and Ranking Systems on Higher Education Decision Making. **Higher Education Management and Policy**, vol. 19, n. 2, 2007.

IGARASHI, H.; SAITO, H. Cosmopolitanism as cultural capitals: exploring the intersection of globalization, education and stratification. **Sociology**, v.8, nº 3, p. 222-239, 2014.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. S. O sistema de educação superior mundial: Entre a internacionalização ativa e passiva. **Avaliação**, Campinas, v. 14, n. 3, 2009.

LLOYD, M. **Las Políticas de Fomento a la Ciencia y Tecnología en México y Brasil: Un Estudio de Caso de la Universidad Autónoma Nacional de México y la Universidad de São Paulo**. Tese (Mestrado em Estudos Latino-americanos) - Universidade Nacional Autónoma do México. Cidade do México, 2013.

LIU, Z. M.; MOSHI, G. J.; AWUOR, C.M. Sustainability and Indicators of Newly Formed World-Class Universities (NFWCUs) between 2010 and 2018: Empirical Analysis from the Rankings of ARWU, QSWUR and THEWUR. **Sustainability**, [s.l.], v. 11, n. 10, may 2019.

MARCOVITCH, J. Introdução. In: MARCOVITCH, J. (org.). **Repensar a universidade: desempenho acadêmico e comparações internacionais**. São Paulo: Com-Arte; Fapesp, 2018a. p. 9-15.

MARCOVITCH, J. Monitoramento das métricas de desempenho acadêmico. In: MARCOVITCH, J. (org.). **Repensar a universidade: desempenho acadêmico e comparações internacionais**. São Paulo: Com-Arte; Fapesp, 2018a. p. 95-110.

MARGINSON, S.; VAN DER WENDE, M. To Rank or To Be Ranked: The Impact of Global Rankings in Higher Education. **Journal of Studies in International Education**, Leiden, Vol. 11 No. 3/4, 2007.

MCMANUS A. C. et al. Profiles not metrics: the case of Brazilian universities. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 93, n. 4, p. 1-23, 2021.

MELLO, J. E. C.; MACULAN, A. M.; RENAULT, T. B. Brazilian Universities and Their Contribution to Innovation and Development. In: B. Göransson and C. Brundenius (eds.), **Universities in Transition: The Changing Role and Challenges for Academic Institutions**. Canadá: International Development Research Centre, 2011.

MEYER JÚNIOR, Victor. A prática da administração universitária: contribuições para a teoria. **Universidade em Debate**, Paraná, v. 2, p. 1-15, dez. 2014.

MYERS, L.; ROBE, J. **College Rankings: History, Criticism and Reform**. Washington: Center for College Affordability and Productivity, 2009.

ORELLO, E. R. M.; CUNHA, M. F. V. O Bibliotecário e a competência informacional. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.23, n.2, p. 25-32, maio/ago. 2013.

PICCCHIAI, D. O plano de desenvolvimento institucional e o projeto pedagógico institucional de universidades públicas: limites organizacionais. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 5, n. 3, p. 23-45, dez. 2012.

PONTIFÍCIA UNIVERISDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2018-2022**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018. 142p. Disponível em: [https://www.puc-rio.br/sobrepuc/depto/ccpa/cpa/pdf/plano\\_de\\_desenvolvimento\\_institucional.pdf](https://www.puc-rio.br/sobrepuc/depto/ccpa/cpa/pdf/plano_de_desenvolvimento_institucional.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2019-2023**. Curitiba: PUCPR, 2019. 155p. Disponível em: [https://static.pucpr.br/pucpr/2021/07/pdi\\_\\_pucpr\\_\\_2019-2023.pdf](https://static.pucpr.br/pucpr/2021/07/pdi__pucpr__2019-2023.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2016-2022**. Porto Alegre: PUCRS, 2016. 43p. Disponível em: [http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2019/09/PDI\\_2016-2022.pdf](http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2019/09/PDI_2016-2022.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

RAUHVANGERS, A. **Global university rankings and their impact**. European University Association, 2011. 85 p.

RIGHETTI, S. Avaliar para Comparar: Os Rankings Britânico e Chinês no Ensino Superior Global. In: MARCOVITCH, J. (org.). **Repensar a universidade: desempenho acadêmico e comparações internacionais**. São Paulo: Com-Arte; Fapesp, 2018. p. 45-62.

RIGHETTI, S. **Qual é a melhor? Origem, indicadores, limitações e impacto dos rankings universitários. Orientador: Renato Hyuda De Luna Pedrosa.** 2016. 230f. Tese (doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

SALMI, J. **The challenges of establishing world-class universities.** Washington, DC: World Bank, 2009.

SANTOS, Solange Maria dos; NORONHA, Daisy Pires. O desempenho das universidades brasileiras em rankings internacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 186-219, mai/ago. 2016.

SANZ-CASADO, E. (coord.). **Guía de buenas prácticas para la participación de las universidades españolas en los rankings internacionales.** Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. 2015. 101 p.

STEINER, J. E. **The Brazilian Research Universities.** São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP. [2011].

SZMRECSÁNYI, T. Por uma história econômica da ciência e da tecnologia. **Economia Aplicada**, v. 4, n.2, p. 399-407. 2000.

THIENGO, L. C. et al. Rankings acadêmicos e as universidades de classe mundial: implicações para a governança transnacional da educação superior. In: CANDERÓN, A. I.; WANDERCIL, M.; MARTINS, E. C. (org.). **Rankings acadêmicos e governança universitária no espaço do ensino superior de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Macau, Moçambique, Portugal e Brasil.** Brasília: Anpae, 2019. p. 164-181.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2018-2022.** Brasília: UNB, 2019. 368p. Disponível em: [http://planejamentodpo.unb.br/index.php?option=com\\_phocadownload&view=category&download=54:pdi-unb-2018-2022&id=2:diversos](http://planejamentodpo.unb.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=54:pdi-unb-2018-2022&id=2:diversos). Acesso em: 07 mar. 2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2012-2017.** São Paulo: USP, 2012. Disponível em: <http://www6.usp.br/wp-content/uploads/PDI-VIIEncontro.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE DO VALE DOS SINOS. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2019-2023.** São Leopoldo: UNISINOS, 2019. 153p. Disponível em: [http://www.unisinos.br/minha-unisinos/images/conteudo/PDI\\_2019-2023v.pdf](http://www.unisinos.br/minha-unisinos/images/conteudo/PDI_2019-2023v.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2016-2021.** Londrina: UEL, 2018. 279p. Disponível em: [http://www.uel.br/proplan/novo/pages/arquivos/planos/pdi/PDI\\_2016\\_2021\\_ATUALIZACAO.pdf](http://www.uel.br/proplan/novo/pages/arquivos/planos/pdi/PDI_2016_2021_ATUALIZACAO.pdf). Acesso em: 07 mar. 2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARINGÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2018-2022. Maringá: UEM, 2018. 214p. Disponível em: <http://www.uem.br/pdi/pdi-uem-2018-2022.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO. **Plano de Desenvolvimento Institucional de Internacionalização:** PDI 2018-2027. Rio de Janeiro: UERJ. 13p. Disponível em: <http://www.sr2.uerj.br/download/capes-print/PDI%20de%20Internacionalizacao.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO MESQUITA FILHO”. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2019-2028. São Paulo: Unesp, 2019. 43p. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Instituicao/Congregacao/pdi-2019-2028-28082019-2.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2018-2022. Salvador: UFBA, 2017. 164p. Disponível em: [https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/plano-desenvolvimento-institucional-ufba\\_web\\_compressed.pdf](https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/plano-desenvolvimento-institucional-ufba_web_compressed.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2020-2029. Porto Alegre: UFCSPA, 2019. 150p. Disponível em: <https://www.ufcspa.edu.br/documentos/institucional/ufcspa-pdi-2020-2029.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2019-2023. Itajubá: UNIFEI, 2019. 214p. Disponível em: <https://owncloud.unifei.edu.br/index.php/s/z5jSHPRXvnbXyox>. Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUÍZ DE FORA. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2016-2020. Juiz de Fora: UFJF, 2016. 144p. Disponível em: [https://proplan.ufes.br/sites/proplan.ufes.br/files/field/anexo/pdi\\_2021-2030.pdf](https://proplan.ufes.br/sites/proplan.ufes.br/files/field/anexo/pdi_2021-2030.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2021-2025. Lavras: UFLA, 2021. 202p. Disponível em: [https://ufla.br/images/arquivos/institucional/PDI\\_UFLA\\_2021-2025\\_v.1.2.pdf](https://ufla.br/images/arquivos/institucional/PDI_UFLA_2021-2025_v.1.2.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2016-2025. Ouro Preto: UFOP, 2016. 148p. Disponível em: [http://www.ufop.br/sites/default/files/pdi\\_ufop\\_2016\\_2025.pdf](http://www.ufop.br/sites/default/files/pdi_ufop_2016_2025.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2020-2024. Florianópolis: UFSC, 2020. 214p. Disponível em:

<https://pdi.ufsc.br/files/2020/08/PDI-2020-2024-pagina-dupla.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2018-2022. São Carlos: UFSCAR, 2021. 196. Disponível em: <https://www.spdi.ufscar.br/arquivos/planejamento/pdi/pdi-ufscar-2018-2022.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2018-2023. Viçosa: UFV, 2018. 210p. Disponível em: <https://www.planejar.ufv.br/wp-content/uploads/2018/06/PDI-UFV-2018-2023-VERSAO-FINAL-SITE.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2013-2022. Santo André: UFABC, 2013. 151p. Disponível em: [https://netel.ufabc.edu.br/images/docs/PDI\\_UFABC\\_2013-2022.pdf](https://netel.ufabc.edu.br/images/docs/PDI_UFABC_2013-2022.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ALAGOAS. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2019-2023. Maceió: UFAL, 2019. 360p. Disponível em: <https://pdi.ufal.br/documentos/pdi-2019-2023>. Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2018-2022. Fortaleza: UFC, 2018. 44p. Disponível em: [https://www.ufc.br/images/\\_files/a\\_universidade/plano\\_desenvolvimento\\_institucional/pdi\\_2018\\_2022\\_pub\\_2018\\_05\\_17.pdf](https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/plano_desenvolvimento_institucional/pdi_2018_2022_pub_2018_05_17.pdf). Acesso em: 06 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2021-2030. Vitória: UFES, 2021. 120p. Disponível em: [https://proplan.ufes.br/sites/proplan.ufes.br/files/field/anexo/pdi\\_2021-2030.pdf](https://proplan.ufes.br/sites/proplan.ufes.br/files/field/anexo/pdi_2021-2030.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2020-2024. Campo Grande: UFMS, 2020. 138p. Disponível em: <https://pdi.ufms.br/pdi-2020-2024-publicado/>. Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2019-2023. Cuiabá: UFMT, 2019. 203p. Disponível em: <https://cms.ufmt.br/files/galleries/42/PDI/PDI%202019-2023.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2020-2024. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. 426p. Disponível em: [https://pdi.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/08/PDI\\_v4rev.pdf](https://pdi.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/08/PDI_v4rev.pdf). Acesso em: 06 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Plano de Desenvolvimento Institucional:** PDI 2018-2022. Niterói: UFF, 2017. 90p. Disponível em:

[http://pdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/196/2018/06/PDI\\_2018-2022\\_aprovado-CUV\\_30-05-2018.pdf](http://pdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/196/2018/06/PDI_2018-2022_aprovado-CUV_30-05-2018.pdf). Acesso em: 07 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO. **Plano de Desenvolvimento Institucional**: PDI 2021-2025. Mossoró: UFERSA, 2021. 205p. Disponível em: [https://documentos.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/79/2022/01/PDI-UFERSA-21-25-FINAL-20\\_01\\_2022\\_COM-ANEXOS.pdf](https://documentos.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/79/2022/01/PDI-UFERSA-21-25-FINAL-20_01_2022_COM-ANEXOS.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Plano de Desenvolvimento Institucional**: PDI 2016-2026. Santa Maria: UFSM, 2016. 579p. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Instituicao/Congregacao/pdi-2019-2028-28082019-2.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SERGIPE. **Plano de Desenvolvimento Institucional**: PDI 2021-2025. São Cristóvão: UFS, 2021. 280p. Disponível em: [https://pdi.ufs.br/uploads/page\\_attach/path/13917/PDI\\_compressed.pdf](https://pdi.ufs.br/uploads/page_attach/path/13917/PDI_compressed.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional**: PDI 2018-2022. Curitiba: UTFPR, 2017. 163p. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/documentos/reitoria/documentos-institucionais/pdi/pdi-2018-2022>. Acesso em: 05 mar. 2022

VELLOSO, A.; LANNES, D.; MEIS, L. Concentration of science in Brazilian governmental universities. **Scientometrics**, Dordrecht, v. 61, n. 2, p. 207-220, 2004.

ZORETTO, R. et al. The scientific production in health and biological sciences of the top 20 Brazilian universities. **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, Ribeirão Preto, v. 39, p. 1513-1520, 2006.